

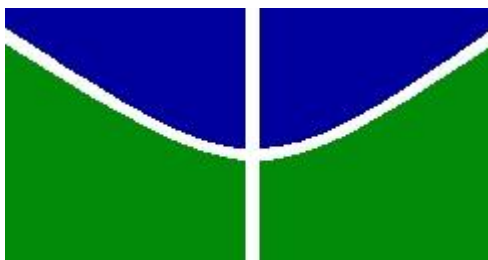
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O USO DA LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA ROTINA DA CRECHE

CLAUDIELLY MARIA RODRIGUES ALVES

BRASÍLIA – DF

2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O USO DA LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA ROTINA DA CRECHE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Carla Castelar Queiroz de Castro.

Orientadora: Carla Castelar Queiroz de Castro

Brasília – DF

2011

CLAUDIELLY MARIA RODRIGUES ALVES

O USO DA LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA ROTINA DA CRECHE

COMISSÃO EXAMINADORA

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a avaliação da Banca Examinadora, sob orientação da Professora Carla Castelar Queiroz de Castro.

Profa. Esp. Carla Castelar Queiroz de Castro (orientadora)

Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Profa. Doutora Cristina Madeira Massot Coelho

Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Prof. Doutor Antônio Villar Marques de Sá

Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Dezembro, 2011

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Pois sem Ele não teria forças para essa longa jornada.

Ao meu pai e à minha mãe,

Que foram meus primeiros educadores e me deram oportunidades para alcançar meus objetivos e realizar meus sonhos.

Aos meus irmãos,

Que apesar de todos os desentendimentos, sempre estiveram ao meu lado.

Aos meus amigos,

Que me acolheram nos momentos de desespero e angústia, me auxiliaram de diversas maneiras e sem os quais eu não seria a mesma.

Ao meu namorado,

Que suportou minha ausência durante a elaboração deste trabalho e tantas vezes me apoiou com seu companheirismo, paciência e amor.

À professora Carla Castro,

Que me orientou na construção desta investigação e me motivou tantas vezes a continuar.

Às professoras, aos alunos e respectivos pais pesquisados,

Que me permitiram construir os dados da pesquisa.

À banca,

Que tanto contribui para a melhoria do trabalho.

E, por fim, agradeço a todos que de certa forma contribuíram para a conclusão dessa etapa da minha vida.

Alves, Claudielly Maria Rodrigues. *O uso da ludicidade como ferramenta pedagógica na rotina da creche*. Brasília. Dezembro, 2011.

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a rotina de uma creche da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal para compreender como esta pode estabelecer um vínculo entre o desenvolvimento e as necessidades naturais da criança, permitindo ao sujeito ter infância dentro de uma instituição escolar. As crianças que frequentam a turma de creche pesquisada possuem três e quatro anos e estão em fase egocêntrica, formando seu próprio mundo. Dessa forma, a ludicidade é uma importante ferramenta que o professor deve utilizar nessa fase de escolarização para propor estratégias que auxiliem no desenvolvimento integral das crianças a estabelecer um elo entre a aprendizagem e as descobertas da infância. Procurou-se, então, analisar as concepções de ludicidade, rotina e creche a partir das visões de pais e professores para entender como esses conceitos podem ser favoráveis no desenvolvimento das crianças. Para tanto, foi realizada nesse estudo descritivo com abordagem qualitativa uma pesquisa teórica com ênfase nos estudiosos Bourgère, Kishimoto e Moyles para fundamentar a pesquisa em campo, a qual foi realizada nas modalidades de observação, entrevista e aplicação de questionários. Por meio dos dados coletados e das análises realizadas chegou-se a conclusão de que a creche ainda é vista como uma instituição assistencialista pelos pais, e os professores ainda não têm clareza sobre seu papel nessa instituição. É necessário, portanto, que a rotina da creche proposta pelos docentes incentive a ludicidade como proposta de aprendizagem e de desenvolvimento integral das crianças para promover a infância e satisfazer suas necessidades.

Palavras-chaves: Educação Infantil; Creche; Ludicidade; Rotina.

Alves, Claudielly Maria Rodrigues. *The use of playfulness as a pedagogical tool in routine on a day care center*. Brasília. December, 2011.

Abstract

This course conclusion work aims to analyze the routine of a day care center in State Department of Education in the Federal District, to understand how a child-care routine can establish a link between development and natural needs of the child, allowing the subject to have a childhood within a school institution. Children who attend the child care group, have three and four years old and are under an egocentric phase, forming their own world. Thus, the playfulness is an important tool that the teacher must use in this phase of schooling to propose strategies that help the integral development of children, to establish a link between learning and discoveries of childhood. This study tried to analyze the concepts of playfulness, and the routine of a day-care center from the views of parents and teachers, to understand how these concepts can be positive on the development of children. To this end, this descriptive study was conducted with a qualitative approach, with an emphasis on theoretical research scholars, Bourgère, Kishimoto and Moyles to support research in the field, which was performed in the methods of observation, interviews and questionnaires. Through the data collected and analysis conducted, this present study reached to the conclusion that the day-care center is still seen as a welfare institution by parents and teachers, and they are still not clear about its role within the institution. It is, therefore, necessary that the routine proposed by the day-care center teachers, encourage the playfulness as a proposal for a full learning and development of the children to promote childhood and meet their needs.

Keywords: Early Childhood Education, Day Care, playfulness; routine.

“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas. (...) Ferramentas e brinquedos não são gaiolas. São asas. Ferramentas me permitem voar pelos caminhos do mundo. Brinquedos me permitem voar pelos caminhos da alma. Quem está aprendendo ferramentas e brinquedos está aprendendo liberdade, não fica violento. Fica alegre, vendo as asas crescer... Assim todo professor, ao ensinar, teria que perguntar: ‘Isso que vou ensinar, é ferramenta? É brinquedo?’ Se não for é melhor deixar de lado.”

Rubem Alves, 2001.

LISTA DE SIGLAS

ECA = Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB = Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PAS = Programa de Avaliação Seriada

PCN = Parâmetros Curriculares Nacionais

RCNEI = Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

SEEDF = Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

TCC = Trabalho de Conclusão de Curso

UnB = Universidade de Brasília

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	11
APRESENTAÇÃO	22
CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO INFANTIL	26
1.1 Aspectos históricos	26
1.2 Bases legais	29
1.3 Creches	31
1.3.1 Histórico da creche	32
1.3.2 Creche e educação	34
1.3.3 Currículo da creche.....	35
1.3.4 As creches e suas rotinas	39
1.3.5 Infância e criança da creche	42
CAPÍTULO II – A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	46
2.1 Os brinquedos e as brincadeiras	47
2.2 Os espaços de brincar	49
2.3 O brincar como ferramenta pedagógica na Educação Infantil.....	51
2.4 As brincadeiras nas rotinas de creches.....	54
CAPÍTULO III – MÉTODO DE PESQUISA	57
3.1 Instrumentos de pesquisa	59
3.2 Caracterização do local de pesquisa.....	62
3.3 A pesquisa.....	69
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS	78
4.1 Entrevistas.....	78
4.2 Questionários	86
4.3 Observação	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	99

REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADOS AOS PAIS DOS ALUNOS .	106
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS .	109
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM A PROFESSORA VIOLETA	111
APÊNDICE D – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARGARIDA	118

MEMORIAL EDUCATIVO

Ser professora é um sonho que me acompanhou por toda infância e adolescência. Quando criança, já nas primeiras brincadeiras e nas respostas do que seria quando crescesse, mostrava meu desejo de seguir a carreira de docente, mesmo sem saber a grandiosidade da profissão.

Aos seis anos de idade, quando estava sendo alfabetizada, lembro-me de passar horas brincando de escolinha com minhas bonecas e ursos de pelúcia, que os colocava enfileirados no chão do meu quarto e, com uma folha branca que era pregada na parede com fita adesiva para ser o quadro, eu dava aula.

Apesar de ter sete tias com formação no magistério, acredito que o meu primeiro incentivo a aspirar à profissão de professora surgiu em meio à admiração daquela que me alfabetizou, pois sempre que brincava o meu nome mudava e passava a ser o mesmo da minha primeira marcante professora.

Talvez pelo fato de ser a única menina da família e ter dois irmãos que nem sempre aceitavam brincar comigo das minhas brincadeiras preferidas, ao brincar sozinha eu era sempre a docente. E, mesmo quando eu tinha companhia de colegas, ou eu era a professora e elas eram minhas alunas ou dividíamos as bonecas e ursinhos para que formassem duas ou mais turmas. Portanto, eu nunca me satisfazia em ser aluna. O mesmo acontecia com meu irmão mais novo que, por minha insistência, às vezes brincava comigo – ou ele era meu aluno ou era o professor da sala ao lado.

Aos oito anos, em uma viagem de férias à casa de uma tia professora, tive efetivamente o primeiro contato com o outro lado da profissão sem ser aquele exibido em sala de aula. Como eram férias do meio do ano, minha tia tinha em casa alguns cadernos e atividades dos alunos para corrigir e me mostrou. Fiquei fascinada, fazia perguntas sobre a escola, sobre os alunos, e observava situações do cotidiano como ela falava com o filho, como agia em diversas ocasiões e, a partir daí, comecei a entender que o professor é, sobretudo, uma pessoa que possui qualidades, limitações, obrigações e que

tem uma vida social como qualquer outro sujeito. Essa visita à casa da minha tia serviu para que eu quebrasse o paradigma que eu tinha de que o professor nada mais era do que professor, apesar de toda a admiração e respeito que eu tinha pela profissão.

Quando ingressei na segunda etapa do Ensino Fundamental, na quinta série, conheci e me identifiquei com a docente de Língua Portuguesa, a qual passou a ser o meu referencial que, até então, só tinha tido essa admiração pela minha professora alfabetizadora. A partir desse ano, o meu nome nas brincadeiras de escolinha também mudou e passou a ser da professora de português. Foi nesse mesmo ano que me encantei pela Língua Portuguesa e que comecei a falar que seria professora de português. Acredito que o que me fez mudar de referencial foi o encantamento com a Língua Portuguesa e com a maneira com que essa última professora tratava seus alunos com respeito, ética e confiança, o que sustenta a teoria de que “para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 47). Assim sendo, esse “vínculo” é a relação professor-aluno que é um ponto essencial no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa mesma época chegou à minha casa o convite de formatura de uma tia que estava se graduando em Letras. Meses mais tarde, ao encontrar-me com ela, me mostrou o anel do curso e me explicou com clareza e empolgação como era o curso de Letras, fato que aumentou a minha vontade e expectativa em cursá-lo.

A brincadeira de escolinha foi a minha preferida até os doze anos de idade. Enquanto minhas colegas e primas de mesma idade estavam preocupadas com decorrências da puberdade, eu continuava a brincar tranquilamente na sala de aula improvisada que era o meu quarto. Porém, mesmo depois que deixei de brincar de escolinha, meu desejo de ser docente nunca me abandonou. Pelo contrário, a cada aula que assistia, a cada ano que passava observava mais a postura e a forma como os meus professores conduziam suas aulas.

O período do Ensino Médio foi marcado por grande pressão, pois meus pais sempre deixaram bem claro que não tinham condições financeiras de pagar uma faculdade particular para mim e meus irmãos, por isso, teríamos que estudar para ingressar na Universidade de Brasília, caso contrário, teria que trabalhar para pagar os custos do Ensino Superior. Também foi nessa etapa de escolarização que obtive as primeiras notas abaixo da média, pois sofri duas grandes mudanças: a passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio e de escola pública para um colégio da rede privada, graças ao êxito alcançado em uma prova de bolsas. Foi por meio dessa escola que conheci o vestibular da UnB, pois todos os professores eram orientados a utilizar questões das provas dos anos anteriores em sala de aula e formular questões tais como eram cobradas no vestibular, com o principal objetivo de preparação para a inserção no Ensino Superior público. No último ano do Ensino Médio comecei a namorar, fato que aumentou a pressão de passar na UnB, pois como única filha de um pai conservador, eu tinha de mostrar que era capaz de conciliar o namoro com o estudo.

Antes mesmo de obter êxito no processo seletivo da UnB, percebi o quanto os cursos de licenciatura são marginalizados e o quanto o fator econômico influencia na escolha do curso. Mais tarde, após o meu ingresso na UnB, o fato de que quem faz parte da classe alta geralmente não escolhe cursos de licenciaturas veio a se confirmar, e também me fez perceber que quem se prepara para o vestibular em colégios ou cursinhos particulares possui mais suporte para ingressar em cursos com alto nível de concorrência. Em contrapartida, quem estuda e se prepara em colégios públicos, em geral, não recebe o incentivo para ingressar em uma universidade pública e, quando há esse apoio, os alunos escolhem cursos de licenciaturas. A partir dessa observação, é possível perceber que há uma inversão entre público e privado na passagem do Ensino Médio para o Superior.

Como já dito, meu desejo desde a infância era ser professora, mas infelizmente isso não é tão comum, pois em um levantamento da Fundação Carlos Chagas (2011), menos de 2% dos inscritos no vestibular da UnB tem como primeira opção o curso de Pedagogia ou de alguma licenciatura. A carreira de docente no Brasil não é tão desejada como outras, pela falta de

reconhecimento social, salários ruins, estruturas físicas comprometidas e desrespeito. O Jornal Correio Braziliense publicou no dia 15 de maio de 2011, uma reportagem sobre o que leva os jovens e profissionais desistirem de serem professores no Brasil. De acordo com essa reportagem, a opção de ser professor torna-se uma alternativa para aqueles que não conseguiram se estabelecer em outro emprego, o que resulta a atração de profissionais desmotivados para as salas de aula. Isso mostra que enquanto não houver uma política efetiva para atrair profissionais qualificados para as escolas, a educação não será de qualidade como é prevista em lei, já que a motivação em ensinar é um dos passos para alcançar a qualidade almejada.

Por mais que eu já tivesse em mente o que eu queria cursar na universidade, tive algumas dúvidas no momento de escolher o curso na inscrição da terceira etapa do PAS (Programa de Avaliação Seriada). Até então minha opção era o curso de Letras, mas procurei saber melhor sobre o campo antes de efetivar a inscrição. Eu gosto muito de Gramática, mas não me interessa o suficiente por Literatura a ponto de me graduar nessa área. Descobri esse fato também no ensino médio, onde eu contava as horas para chegar às aulas de gramática e as aulas de Literatura pareciam demorar uma eternidade.

Acredito que a maneira como o Ensino Médio foi conduzido não foi a mais proveitosa, pois nesse período comecei a perder o gosto por algumas disciplinas e por aprender, fato que atribuo à pressão que sofri pela escola e pela minha família. Por outro lado, eu sabia que aquele era o melhor caminho a ser percorrido, pois a cada dia que passava aumentava a minha vontade de ser aprovada no vestibular da UnB. Hoje percebo que toda essa pressão foi de grande valia para que o meu ingresso no Ensino Superior fosse efetivado.

Ao pesquisar em guias sobre profissões ou mesmo na *internet*, percebi que o curso de Letras não era exatamente o que eu esperava, pois dava maior ênfase à Literatura. Assim sendo, tive que procurar outro curso que atendesse às minhas expectativas. Nesse momento de escolha, por indicação da orientadora escolar do meu colégio, lembrar o passado foi de fundamental importância, pois foi assim que resgatei em minha memória o quanto eu

gostava de brincar de escolinha e o quanto eu gostava de ser criança. Dessa forma, optei conscientemente pelo curso de Pedagogia. Porém, não havia abandonado a ideia de realizar uma segunda graduação em Letras, no futuro.

Não pesquisei quais seriam as disciplinas do currículo do curso de Pedagogia antes de começá-lo, mas imaginava que teria, logo no início, disciplinas referentes à prática de sala de aula, especialmente a maneira correta de avaliação, ao processo de desenvolvimento dos alunos, enfim, acreditava que o curso seria como uma receita de bolo, esquematizada e de fácil aplicação. Mas me enganei, pois além de não haver uma fórmula correta para ser professor, o curso de Pedagogia possibilita uma atuação muito ampla, portanto, oferece disciplinas em diversos campos para subsidiar o trabalho do profissional.

Diante do que esperava, ao ingressar na Universidade levei um susto quanto às disciplinas ofertadas no primeiro semestre, pois, com exceção de uma – “Perspectivas do Desenvolvimento Humano” – nenhuma outra disciplina me parecia ter alguma relação com o que eu imaginava estudar e isso me desestimulou bastante. Foi em uma conversa no corredor da Faculdade de Educação que ouvi um colega veterano dizer que o início do curso era mesmo chato, mas que quem ficava até o terceiro semestre não abandonava porque se encantava. E realmente foi assim.

No segundo semestre, as disciplinas começaram a fazer sentido para mim e, assim, me interessei mais por elas. Logo no início do semestre, percebi que a disciplina “Organização da Educação Brasileira” que tem como foco a legislação que rege a educação nacional, seria a base para o meu esclarecimento acerca de diversas questões que envolvem a educação. A forma rígida de como essa disciplina foi ministrada me despertou e me fez ter um olhar mais intransigente e mais crítico aos meus trabalhos acadêmicos, fato que contribuiu significativamente para a minha formação.

Durante as férias de janeiro, fiz no curso de verão a disciplina “O Educando com Necessidades Educacionais Especiais”, a qual me motivou a ter diversos olhares sobre um mesmo sujeito e a compreender que, apesar de

termos necessidades diferentes a educação deve ser para todos, considerando as especificidades individuais dos alunos.

A essa altura do curso, apesar de já ter cursado disciplinas referentes ao ambiente escolar, ainda sentia falta de espaços que me lembrassem da importância das minhas brincadeiras de infância no meu processo de desenvolvimento e que me inserissem efetivamente no contexto educacional de forma que me dessem suporte para encarar uma sala de aula. Mas esse suporte ainda estava por vir. E veio literalmente, brincando.

O curso de Pedagogia da UnB é organizado por projetos e é por isso que o terceiro semestre é a fase crucial, pois é nessa etapa que é escolhido o rumo ao qual os estudantes direcionarão o curso. Lembro-me de presenciar colegas indecisos sem saber em qual projeto se matricular. Diferentemente, eu não tive muitas dúvidas, pois ainda no segundo semestre quando conversava com alunos de semestres mais avançados no curso, sempre sondava como eram os projetos. Foi assim que descobri o projeto “Encanto no Aprender: O lúdico no contexto escolar” o qual visa explorar as diferentes formas de ensinar como jogos, cantigas e histórias infantis enquanto estratégias de aprendizagem para que a construção do conhecimento seja favorecida por meio de práticas lúdicas. A partir de então, o sonho que surgiu na brincadeira de ser professora, passou a se aproximar da realidade de ser uma professora brincante.

A ludicidade sempre foi um tema que me interessou, ainda mais quando assumi a coordenação de um grupo formado por jovens da paróquia que frequento. O Projeto me possibilitou apropriar-me de um aporte teórico sobre o tema e o conhecimento de inserir o lúdico em diversos contextos e de diversas formas para que o sujeito construa seu próprio conhecimento e se desenvolva de maneira completa. A partir de então, a ludicidade foi tomando de conta de cada reunião que eu preparava e assim, fui percebendo o quão difícil e prazeroso é trabalhar com recursos lúdicos.

Também nesse semestre fiz a disciplina “Psicologia da Educação”, a qual me possibilitou conhecer as principais vertentes da teoria de ensino e aprendizagem propostas por Vigotski, Piaget e Wallon. Teoria essa que corresponde ao eixo central do curso de Pedagogia. A partir desse período do

curso, percebi o quanto a educação é uma prática subjetiva por envolver sujeitos; assim, minha vontade de compreender essa prática aumentou consideravelmente, comprovando o que um colega havia dito quando eu era iniciante: que o curso toma forma a partir do terceiro semestre.

No quarto semestre, matriculei-me na segunda etapa do mesmo projeto que havia cursado no semestre anterior, com o diferencial de que nessa etapa eram sessenta horas de prática que consistia em dar uma aula diferenciada e individual com recursos lúdicos aos alunos que eram atendidos pela sala de recursos em uma escola da rede pública de ensino. Essa etapa foi importante para a minha formação, pois foi esse período que me possibilitou ter contato direto com crianças que eram atendidas e educadas de forma distinta em razão de suas necessidades educacionais especiais.

Uma disciplina cursada nesse mesmo semestre também enfatizou o uso de recursos lúdicos como ferramenta de aprendizagem de forma diferenciada e complementar a que eu estava estudando e aprofundando no projeto. A disciplina foi “Educação Matemática” e me possibilitou enxergar que a Matemática não precisa ser assustadora como habitualmente é vista e que, pode sim ser aprendida com prazer.

O semestre seguinte foi marcado pela greve dos professores e funcionários da Universidade, a qual atrapalhou meus planos de iniciar as atividades de estágio do Projeto 4. Por outro lado, pude me dedicar mais às disciplinas já matriculadas. Nessa etapa, destaco a disciplina optativa “Avaliação Escolar”, a qual considero que deveria ser oferecida como obrigatória no curso de formação de professores, pois nela são discutidas as diferentes formas de avaliação de aprendizagem e as falhas das mesmas, além de nos mostrar um outro olhar sobre tal instrumento que deve sempre promover a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno.

Apesar do enorme desejo de ingressar na universidade pelo PAS, ingressar no Ensino Superior com dezessete anos trouxe prejuízos para a minha formação. Era bom ter a sensação de não estar perdendo tempo, mas hoje percebo que foi maléfica no sentido de não dar o devido valor ao que estava sendo estudado. Aprendi muito até esse período do curso, mas nada se

compara com o que eu viria a aprender, pois a interface entre teoria e prática é fundamental para o processo de formação de qualquer profissional.

Em setembro de 2010, no recesso entre um semestre e outro, fui nomeada a partir de aprovação em um concurso público para assumir um cargo de monitora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, fato que considero como divisor de águas no processo da minha formação. O semestre posterior foi marcado por grandes transformações. A primeira é a de que eu nunca havia trabalhado e, portanto não tinha nenhuma experiência profissional. Assim sendo, tornar-se servidora pública com vinte anos de idade na área de meu interesse me trouxe grande alegria, mas o que me entristecia era o fato de que fui lotada para trabalhar na creche de uma escola na cidade de São Sebastião, considerando que moro em Taguatinga há 50 km de distância da escola. Desde minha inserção no curso de Pedagogia escolhi cursar disciplinas referentes à Educação Infantil, pois é a área que mais me atrai. A partir de minha nomeação comecei a ter contato mais próximo com o trabalho com crianças e, como já imaginava, me encantei com as diversas manifestações infantis: as brincadeiras, o desenvolvimento infantil, a imaginação, as descobertas e tudo o que abrange a infância.

Entretanto, também me desencantei com muito do que esperava. Por se tratar de uma creche, eu imaginava que encontraria uma rotina estabelecida para as crianças que fosse realmente cumprida e recursos lúdicos disponíveis já que é esperado que se brinque na primeira infância. Ao me deparar com essa realidade, constatei o que havia estudado nos referenciais teóricos sobre a ludicidade: que essa ferramenta de ensino não é utilizada na Educação Infantil como deveria, é utilizado de forma não planejada e como passatempo e que, mesmo assim, contribui para o desenvolvimento da criança.

A segunda grande mudança foi o fato de montar a grade horária no turno noturno, já que eu nunca havia estudado a noite. Minha adaptação a esse novo horário de estudo durou todo o semestre e o meu rendimento acadêmico ficou abalado com essa transformação. Mesmo assim, matriculei-me em disciplinas do meu interesse como “Educação Infantil”, a qual me auxiliou muito no início de trabalho e também no Projeto 4 – estágio, intitulado como “Práticas

docentes no contexto escolar inclusivo: O lúdico no contexto do ensinar e aprender na diversidade escolar”, no qual tive experiências docentes na Educação Infantil.

Nesse período pude observar que não são apenas os cursos de licenciaturas que são marginalizados, mas também os cursos do noturno. No caso do curso de Pedagogia, percebi que a oferta do turno diurno é bem mais variada em termos de horário e professores que no noturno e que não há uma preocupação em oferecer disciplinas optativas e projetos diversificados para os alunos desse turno que, em geral, são trabalhadores e necessitam de uma adequação na grade horária. Sendo assim, não há igual oportunidade para os vários perfis de alunos e, conseqüentemente, aumenta a evasão do curso de pedagogia noturno.

Só foi possível a realização do Projeto 4 - estágio com o tema escolhido pelo fato de eu já estar inserida em uma turma como monitora. Aliás, ressalto, esse é um grande problema dos cursos de licenciaturas da UnB: os alunos trabalhadores não possuem as mesmas oportunidades daqueles que só estudam. Porque os estudantes que possuem empregos sejam de natureza pública ou privada, dependem do curso noturno para completar o número de créditos exigidos pela universidade e, nesse turno, não há variedade de disciplinas como no diurno e, principalmente de Projetos. Dessa forma, o estudante trabalhador ou o aluno que é do curso noturno e que tem interesse na área de docência nas séries iniciais é obrigado a abandonar seu desejo, pois a universidade exige que sejam cumpridas 180 horas de prática. Dessa forma, como esse aluno irá desenvolver sua prática pedagógica em seu turno de disponibilidade se não for em outras vertentes da educação?

Fato de a minha rotina ter mudado drasticamente me possibilitou enxergar questões que até então não pareciam importantes, pois não me atingiam diretamente. E foi também a partir desse momento em que eu era uma estudante inserida no mercado de trabalho que pude perceber o quanto a prática fica comprometida se não for atrelada à teoria estudada, pois, apesar de todos os fatores negativos como o cansaço do trabalho e, conseqüentemente o baixo rendimento, as disciplinas cursadas nesse

semestre se aproximaram de forma significativa de minha prática, mesmo como monitora.

O semestre seguinte foi de grande turbulência no que diz respeito à construção da grade horária, pois, apesar de eu ter o direito a um horário de trabalho diferenciado por ser servidora pública, há muita burocracia por parte da Secretaria de Educação e, por isso, tive que negociar horários com a direção da escola para que eu pudesse cumprir os créditos, realizar o Projeto 4 - estágio na segunda etapa do mesmo projeto do semestre anterior e ainda exercer oito horas diárias do trabalho. Porém, logo no início do semestre, a direção da escola que tinha concordado em me auxiliar voltou atrás e me informou que não seria possível o meu horário continuar como estava, resultando assim, no trancamento da disciplina Introdução à classe hospitalar.

O intenso ritmo de trabalho além de ser e ter sido obstáculo na minha formação no que diz respeito ao tempo dedicado aos trabalhos acadêmicos, também não me possibilitava condições de realizar o estágio em uma turma do Ensino Fundamental. Para tanto, contei com a ajuda dos meus colegas de trabalho monitores e professora para que eu realizasse as horas de observação e docência no meu horário de almoço e no momento em que as crianças da creche estavam dormindo. Mesmo conseguindo cumprir as horas práticas e por vezes chegando mais tarde ao trabalho para que a orientação do Projeto 4 fosse realizada, a sensação de estar pedindo um favor para a escola me acompanhou durante todo esse processo.

O fato de eu estagiar em um nível de ensino diferenciado ao que eu trabalhava me possibilitou ter novos olhares sobre a Educação Infantil que é a base para a alfabetização e a maneira como esse processo é realizado. Além de enxergar questões na educação que, só quem tem o convívio diário em uma escola percebe o quão difícil e complexo é trabalhar para que o dever de oferecer uma educação pública de qualidade seja concretizado.

A partir desses novos olhares, passei a questionar o meu trabalho, se estava ou não contribuindo para a educação das crianças e, daí surgiu o desejo de pesquisar sobre como o cuidado pode estar atrelado à educação para que o desenvolvimento das crianças seja efetivado, considerando que se

respeitem as especificidades da infância como o brincar e a imaginação. Por isso, em minha monografia procuro estudar como a ludicidade pode ser utilizada como ferramenta educacional na rotina de creches para que o desenvolvimento social, psicológico, social e cognitivo das crianças seja consolidado.

Tenho certeza de que o caminho de pedagoga a ser percorrido está somente sendo iniciado e que ainda há muito a aprender, muito a pesquisar, muito a viver. Quero que a finalização dessa etapa da minha vida seja motivo de orgulho para que eu confirme minha satisfação em ser educadora e de incentivo para que eu continue a buscar novos conhecimentos acerca do contexto educacional.

APRESENTAÇÃO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica (BRASIL, 1996). Com base na Lei 11.274 do ano de 2006, o ensino fundamental passa a ter nove anos de duração, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade (BRASIL, 2006). Sendo assim, a Educação Infantil contempla as crianças com idades de zero a cinco anos. Por sua vez, segundo a LDB, essa etapa é também dividida, sendo que crianças de zero a três anos são atendidas em creches e as de quatro e cinco anos frequentam a pré-escola. Porém não há uma diferença pedagógica entre as classes, é uma divisão por idades dos alunos, já que tanto a creche como a pré-escola têm objetivos semelhantes (BRASIL, 1998b).

Nessa etapa de escolarização, as crianças consolidam seus desenvolvimentos. Portanto, nesse nível de ensino, as instituições educativas executam o trabalho pedagógico aliado à família de forma que contribua para que ocorram avanços no crescimento intelectual, social, físico e cognitivo da criança, um dos objetivos da Educação Infantil (BRASIL, 1996).

Há pouco mais de um ano, sou monitora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), onde trabalho em uma turma de creche intitulada Maternal II com crianças de três e quatro anos. E, desde a minha chegada, percebo o quanto a brincadeira e a imaginação são naturais da infância e fazem parte da rotina de qualquer criança.

As brincadeiras livres na creche onde trabalho são muito privilegiadas. Porém, no início me assustava o fato de ver que os alunos brincavam a tarde inteira sem nenhum direcionamento pedagógico. Mais tarde, percebi que a brincadeira livre é sim muito importante para o desenvolvimento das crianças, pois esse é o espaço que possuem para realizar seus desejos, ter liberdade de inventar e de descobrir, além de repetir experiências vividas. Entretanto, quanto mais as crianças brincavam, mais se machucavam, brigavam, dava confusão e então, as brincadeiras eram cada vez mais podadas ao invés de serem mais

planejadas pelas professoras afim de que esses momentos fossem aproveitados também para a aprendizagem.

Com um ano de experiência, percebo que os pais dos alunos da creche se preocupam mais com o bem estar físico da criança (alimentação, higiene, sono) que com o cognitivo (atividades pedagógicas). Sendo assim, a creche apesar de fazer parte do sistema de ensino e ter caráter educativo (BRASIL, 1996), são comumente vistas como lugares assistenciais. Vivenciei alguns exemplos do não esclarecimento dos pais a respeito do objetivo da creche, como reclamação por não haver aula em dias de paralisação, ausência em reuniões do fim dos bimestres, indagações sobre os alimentos e os banhos, entre outros.

A partir daí, comecei e me questionar sobre o papel da creche na vida de uma criança: será que a creche é um espaço de aprendizagem e de desenvolvimento para a vida em sociedade ou será que é apenas um depósito de crianças? Será que pelo fato de as crianças estarem na creche para serem cuidadas não podem ser educadas? Será que na rotina da creche não há espaço para as atividades lúdicas planejadas pelos professores? E os objetivos das brincadeiras livres tão naturais da infância, como ficam?

Questiono também se uma rotina planejada seria o suficiente para que se estabelecesse uma interface entre o cuidar e o educar, já que esses dois eixos são tão interligados. Por um lado, as rotinas na Educação Infantil são importantes para dar noções de limite e disciplina pelo fato de impor “às atividades um ritmo, um tempo de duração, modos de diversas atividades conectarem-se umas às outras, modos de fazer transições de uma situação a outra” (BARBOSA, 2006 p. 174). Entretanto, por outro lado, há o entrave de que a rotina possa engessar as atividades da creche, exatamente por seu caráter repetitivo e padronizado, o que pode criar nas crianças uma falta de reflexão no que está sendo realizado (SILVA, 2007).

Com base nos conhecimentos adquiridos no curso de pedagogia e na minha prática como monitora, decidi, então, pesquisar sobre a importância das atividades lúdicas na creche como as brincadeiras, as cantigas, a imaginação e

suas implicações qualitativas, assim como a importância de aliar o lúdico ao trabalho pedagógico a ser desenvolvido.

Para tanto, será apresentada uma análise teórica, com base em AUTORES renomados dividida em dois capítulos, abordando a Educação Infantil e a ludicidade em tal segmento de escolarização.

O primeiro capítulo contemplará as diversas questões da Educação Infantil: seu histórico, as bases legais que dão suporte para que seja oferecida uma educação de qualidade, as concepções de infância e aprendizagem e suas relações, assim como tratará também dos aspectos que envolvem a creche, sua trajetória histórica, sua ligação com as rotinas e o embate entre o cuidar e o educar.

O segundo capítulo abordará as questões da ludicidade na Educação Infantil. Será apresentada a brincadeira como instrumento de desenvolvimento da infância. E também será tratada a ludicidade como ferramenta pedagógica na escola, na educação de crianças. E, então, será abordada a relevância do lúdico na rotina de creches, suas implicações qualitativas e seus desafios.

Quanto à metodologia utilizada nesta pesquisa, registra-se que é de abordagem descritiva e qualitativa. Para tanto, foi utilizada na fase de construção de dados a observação da turma pesquisada, a aplicação de questionários com os responsáveis pelas crianças e ainda, a entrevista com as professoras da turma.

Em seguida, os dados coletados foram analisados tendo como base o objetivo geral traçado para esse estudo que foi:

Entender a utilização da ludicidade na rotina da creche como ferramenta pedagógica.

E também foram considerados os objetivos específicos:

- a) Analisar a rotina de creche compreendendo um vínculo entre o desenvolvimento da criança e permitindo que o sujeito tenha infância dentro de uma instituição de creche;

- b) Entender porque existe uma rotina na creche e como a creche utiliza a rotina como metodologia de ensino;
- c) Discutir a relevância de uma rotina de creche no currículo da educação infantil;
- d) Descrever a importância da ludicidade e suas consequências para a educação infantil;
- e) Analisar as concepções de pais e professoras a respeito da rotina da creche, das atividades lúdicas da creche e suas importâncias para o desenvolvimento infantil.

A partir de tais análises, chegou-se à conclusão de que as professoras percebem a importância do uso da ludicidade na educação das crianças, mas não a utilizam de forma que compreenda o desenvolvimento integral do sujeito. Foi observado também que, na visão dos pais e mães das crianças, a creche é uma instituição assistencialista, pois não percebem o cunho pedagógico nela existente, mas só consideram o cuidado e a assistência prestada às crianças. Por fim, foi verificado que a rotina que é estabelecida na creche não promove a prática do currículo proposto pelo RCNEI (BRASIL, 1998b).

Portanto, por meio desse trabalho, buscou-se aprimorar a compreensão sobre a ludicidade na creche, mostrando sua importância para o desenvolvimento da criança para que assim, se compreenda também a relevância do trabalho como monitora e futura professora, já que devemos cuidar do local onde estamos e fazer as modificações que nos cabem para que essas mudanças sejam repercutidas em nossos alunos.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é a primeira etapa da escolarização básica. É destinada a crianças de zero a cinco anos de idade e tem como um dos principais objetivos preparar socialmente o sujeito para o mundo. Porém nem sempre houve essa preocupação com a primeira infância, pois as crianças já foram vistas como mini adultos e como tábulas rasas, no século XVI.

Foi a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 que a Educação Infantil recebeu maior atenção, sendo subdividida em creches – para crianças de zero a três anos –, e pré-escolas – para crianças de quatro e cinco anos.

A creche é um segmento da Educação Infantil que favorece a atenção à educação e ao cuidado das crianças pequenas. Essa atribuição foi criada no sistema de assistência social, mas a partir da LDB de 1996, foi considerada uma instituição escolar e que. Por isso, há ainda muita divergência sobre o papel do professor nas turmas de creche, se esse é primordialmente cuidador ou educador quando, na verdade, deve haver uma fusão de funções para esse profissional.

1.1 Aspectos históricos

A criança é um ser diferenciado do adulto no que tange à maturidade, idade e suas necessidades. Porém, a valorização à etapa inicial da vida e o sentimento atribuído à infância nem sempre existiram da mesma forma, sendo assim, a concepção tanto de infância como de Educação Infantil sofreu intensas transformações ao longo do tempo.

A educação formal destinada a crianças menores de seis anos apareceu, pela primeira vez no século XVII com Comenius, cujo ideal era de ensinar tudo a todos desde a mais tenra idade. “Deve-se dar início à formação do homem durante a idade primaveril, ou seja, durante a infância” (COMENIUS, 1997, p. 148). Mais tarde, no século XIX, Froebel criou na

Alemanha os primeiros jardins de infância para atender crianças menores de seis anos.

A partir do modelo de Froebel, na Alemanha, surgiram alguns jardins de infância no Brasil voltados para os pobres, iniciando em Porto Alegre. As creches, por sua vez, foram criadas para suprir a necessidade das camadas populares, pois muitas famílias necessitavam trabalhar e não podiam cuidar de seus filhos. Porém, a expansão das creches foi lenta até o início de 1970, quando o processo de industrialização brasileira e a inserção feminina no mercado de trabalho aceleraram, e era essencial que fossem criadas novas creches para atender filhos de operárias. Assim, “as ideias socialistas e feministas redirecionavam a questão do atendimento à pobreza para se pensar a educação da criança como forma de se garantir às mães o direito do trabalho” (KUHLMANN, 2011, p. 11).

As creches, então, eram destinadas apenas aos filhos de mães pobres, mas com a necessidade do trabalho também para as mulheres das classes médias, a procura por instituições educacionais para seus filhos aumentou consideravelmente. Dessa forma, na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, surgiram as creches com vertente educacional que foram cuidadas para que não seguisse o mesmo padrão das *Casas de Expostos*. Pelo contrário, para que as crianças ali deixadas não fossem abandonadas. Dessa forma,

não se pode considerar a creche como uma iniciativa independente das escolas maternais ou jardins de infância, para crianças de três ou quatro a seis anos, em sua vertente assistencialista, pois as propostas de atendimento educacional à infância de zero a seis anos tratam em conjunto das duas iniciativas (KUHLMANN, 2011, p. 78).

Uma característica importante a se destacar na trajetória histórica da Educação Infantil é a transição do aspecto assistencialista, que priorizava na educação de crianças o cuidado com a alimentação, higiene e o bem estar físico, para o aspecto educacional, onde foi percebido que a criança era capaz de se desenvolver a partir de estímulos nas creches e nos jardins de infância.

Lentamente, as instituições ligadas à assistência de crianças, creches e jardins de infância, foram tendo um olhar mais específico para a potencialização e o desenvolvimento dos sujeitos, visando sua aprendizagem.

Os estudos que atribuem aos Jardins de Infância uma dimensão educacional e não assistencial, como outras instituições de Educação Infantil, deixam de levar em conta as evidências históricas que mostram uma estreita relação entre ambos os aspectos: a que assistência é que passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimento à infância foi uma delas, assim como as creches e escolas maternas (KUHLMANN, 2001, p. 26).

Diante de novas descobertas sobre o desenvolvimento da infância e com a Constituição Federal de 1988 dando um espaço maior às crianças, a educação infantil sofreu mudanças para que a visão assistencial fosse atrelada à visão educacional. Porém, na prática ainda há resquícios do assistencialismo da educação.

É importante que se pense a educação de crianças, mais especificamente a creche com um olhar educativo. Porém, é essencial que a criança da creche receba atenção especial atribuída à sua faixa etária. Dessa forma, tanto a visão educativa como a visão assistencialista devem ser complementares e não devem ser encaradas como subdivisões de tipos de creche.

Dessa forma, a principal discussão em torno da Educação Infantil é a não obrigatoriedade da mesma. Pois essa etapa de escolarização ainda não é vista como fundamental para o desenvolvimento da criança, uma vez que cabe aos pais decidir se a criança deve ou não frequentar uma instituição escolar nos primeiros anos de vida.

É fundamental que as escolas infantis tenham em suas propostas pedagógicas ferramentas para atender as necessidades das crianças, como alimentação, higiene, descanso, recreação e que a educação seja atrelada a esse cuidado, mas que não se restrinja somente a ele, para que assim, as instituições escolares favoreçam o desenvolvimento integral da criança.

1.2 Bases legais

A educação, como um direito social, é garantida por algumas leis e documentos, entre elas a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Mais especificamente, a Educação Infantil tem como norteador o Referencial Curricular Nacional.

De forma geral, a educação é assegurada pela Constituição Federal de 1988 em seu Artigo 205, o qual a estabelece como um direito de todos, tendo como responsáveis o Estado e a família - que é reconhecida como a união estável entre homem e mulher e também a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes -, e deve ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. Neste mesmo artigo é reconhecida na Constituição Federal a importância da educação para o desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Com relação à Educação Infantil, a Constituição Federal determina como dever do Estado garantir a mesma em creche e pré-escola às crianças de até cinco anos de idade, porém não considera como obrigatória a matrícula para esse nível de ensino. A primeira etapa da educação básica não é contemplada pela Constituição Federal no que diz respeito à importância de sua obrigatoriedade como o Ensino Fundamental, que atende as crianças de seis a quatorze anos. Assim sendo, a Educação Infantil é o nível de ensino de oferta obrigatória pelo Estado, entretanto de matrícula facultativa da família.

Entendendo que a obrigatoriedade é uma imposição e uma parceria entre o Estado e a sociedade, a Constituição Federal peca ao deixar de fora a Educação Infantil, visto que é nessa etapa que as crianças solidificarão seus desenvolvimentos. E, por compreender que as crianças necessitam de um espaço acolhedor para que se desenvolvam, é necessário que as leis forneçam suporte legais para que as escolas ofereçam uma educação que seja realmente efetiva, para que assim, a escolarização seja aliada ao desenvolvimento da criança e que, da mesma forma, a escola complete a ação da família.

A LDB define como a primeira etapa da educação básica a Educação de crianças, no Brasil denominada Educação Infantil, destinada a crianças de zero a cinco anos de idade, sendo essa a etapa em que a criança construirá os alicerces de seu desenvolvimento que deve estar integrada à família e deve desenvolver os aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, que são avaliados sem o objetivo de promoção mediante o acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança.

Sendo assim, a Educação Infantil, segundo a mesma lei, é oferecida em creches para crianças de zero a três anos e em pré-escolas para crianças de quatro e cinco anos, e sua matrícula é facultativa. Porém, na redação da LDB não é dada a devida importância no que tange aos profissionais para a Educação Infantil:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, [...], admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1996, Artigo 62).

É evidente que os profissionais da educação devem ser preparados de formas diferentes para trabalhar com educandos de idades e necessidades diferentes. Contudo, é importante salientar que o fato de a formação ser distinta não quer dizer que deve ser em níveis desiguais, pois, segundo a LDB, para exercer a docência nos anos finais do Ensino Fundamental e no Nível Médio é necessário o curso superior de licenciatura, já na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental o curso Normal médio basta.

Entretanto, não há na redação da LDB uma definição clara e precisa dos profissionais competentes para atuar nas creches, visto que é necessário que se possua um professor para orientar as atividades de cunho pedagógico e outros profissionais para auxiliá-lo nas diversas tarefas de cuidado à criança na rotina dessas instituições.

Existem também outros amparos legais para auxiliar a Educação Infantil. Os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil é um instrumento que ajuda

as instituições por meio de participações da comunidade escolar. Há também o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, criado em 1990 para garantir que os direitos das crianças e dos adolescentes sejam preservados. E, como a LDB, esse dispositivo legal também prevê em seu artigo 54, inciso IV que é dever do Estado assegurar atendimento em creches e pré-escolas para crianças de 0 a 5 anos.

Dessa forma, as creches são valorizadas pelo ECA e por outros instrumentos legais que passam a reconhecê-la como uma instituição educativa, mas que, como toda Educação Infantil, é um direito da criança e dever do Estado, sendo optativa à família em usufruir ou não desse direito.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) é um norteador para os profissionais da Educação Infantil e foi criado para “servir como guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos” (BRASIL, 1998). Assim, cabe aos profissionais da Educação não utilizarem o RCNEI apenas como um guia e sim, como um instrumento para nortear o trabalho desenvolvido em sala de aula, complementando-o com sua prática.

De forma geral, os documentos e leis produzidos para auxiliar a Educação Infantil possuem como objetivo garantir a qualidade e a igualdade de oportunidades para sociedade. Porém é necessária uma constante luta por parte dos gestores, professores e sociedade em geral para que a melhora da educação seja efetiva e que os direitos sejam realmente garantidos.

1.3 Creches

A creche é um local destinado a crianças de zero a três anos, que deve favorecer o desenvolvimento da criança pequena. Em sua maioria, são de horário integral e contam com profissionais que cuidam das crianças, atendendo-as em todas as necessidades básicas. A creche é também um espaço de socialização da criança e de desenvolvimento das suas relações afetivas.

1.3.1 Histórico da creche

As instituições que deram origem à creche iniciaram suas trajetórias históricas antes do surgimento da preocupação com a educação de crianças, a Educação Infantil. Essas Instituições tinham como objetivo dar assistência às crianças que eram abandonadas por seus familiares.

Utilizando a Idade Média como ponto de partida, no século XII, a partir da preocupação com o grande número de mortalidade infantil, surgiu a primeira Roda de Expostos, que consistia em um local onde as crianças eram abandonadas garantindo o anonimato do expositor.

O nome Roda provém do dispositivo onde se colocavam os bebês que se queriam abandonar. Sua forma cilíndrica dividida ao meio por uma divisória era fixada na janela da instituição. No tabuleiro inferior e em sua abertura externa, o expositor depositava a criancinha que enjeitava. A seguir, ele girava a Roda e a criança já estava do outro lado do muro. Puxava-se uma cordinha com uma sineta, para avisar a vigilante ou Rodeira que um bebê acabava de ser abandonado e o expositor furtivamente retirava-se do local, sem ser reconhecido. (MARCILIO, 1997, p. 38)

A primeira Roda de Expostos foi criada em Roma, na Itália, no ano de 1201. E, posteriormente foi expandindo para toda Europa. O modelo chegou ao Brasil no século XVII, quando foi implantada a primeira instituição em Salvador que teve como modelo a Roda de Expostos de Lisboa. Sendo de caráter caritativo, as Rodas recebiam doações e os cuidadores preocupavam-se principalmente com a saúde das crianças abandonadas. No Brasil, a Roda dos Expostos recebiam um rendimento anual do Município para a criação dessas crianças.

Ainda no século XVII, foram criadas duas Rodas dos Expostos no Brasil. No Rio de Janeiro, em 1738 e em Recife, 1789. Porém, em 1830 foi regulamentada a Lei dos Municípios que incentivava a iniciativa particular a assumir a tarefa de criar as crianças abandonadas, tirando do Município esse encargo (MARCILIO, 1997).

As Rodas dos Expostos tinham como objetivo abrigar e dar assistência às crianças que eram abandonadas, da mesma forma que incentivavam essa prática pelo fato de não haver identificação de quem estava abandonando.

Assim, as Rodas dos Expostos ilustram uma despreocupação com a infância e com o sujeito que estava sendo depositado.

As Casas dos Expostos tiveram fim no Brasil em meados do século XX, com a difusão da pré-escola que inovou a concepção assistencialista, sendo vista como uma referência às Rodas dos Expostos, pois também tinham o objetivo de cuidar das crianças em suas necessidades básicas. Assim sendo, as creches foram criadas em oposição às Casas dos Expostos, pois era uma alternativa para que as crianças fossem cuidadas fora do seio familiar enquanto seus pais trabalhavam o que diminuiu o número de abandonos infantis.

Nesse mesmo século, com o desenvolvimento da indústria e com a necessidade de mão de obra feminina, surgiram creches cujo objetivo não se distinguia do atendimento em asilos e internatos, pois eram lugares onde as crianças ficavam para que seus pais pudessem trabalhar, apenas. As creches que atendiam os filhos dos operários, em geral, eram nos locais de trabalho dos pais, efetivando a lei do trabalho de 1943 que determinava às empresas a organização de berçários para abrigar os filhos das funcionárias durante o período da amamentação (OLIVEIRA, 1992).

No seu assistencialismo, as creches eram vinculadas às áreas de assistência social. A partir de 1988, na redação da Constituição Federal, a creche é reconhecida como “um direito da criança, opção da família e dever do Estado” (BRASIL, 1988). Dessa forma, a função educativa da creche é reconhecida, o que é contrária a então visão de ser um favor prestado às famílias. Assim, na Lei de Diretrizes e Bases, em 1996, é definida que a creche faz parte da Educação Infantil e que atenderá crianças de zero a três anos.

Mesmo com a legislação que caracteriza a creche como espaço de educação há, no entanto, instituições que priorizam o assistencialismo às crianças, pois não possuem o objetivo explícito de educar. Dessa forma, as creches educativas se contaminam e perdem o principal foco, da educação.

Assim sendo, é necessário que as creches educativas deixem de ser um local apenas de cuidados e passe a ter objetivos pedagógicos, para que as crianças se desenvolvam plenamente, sendo atendidas de maneira correspondente a suas necessidades físicas e cognitivas para que as creches não se caracterizem como um depósito de crianças.

1.3.2 Creche e Educação

A grande discussão acerca da creche está na sua função. Inicialmente, foi criada para dar assistência às crianças de famílias trabalhadoras e, posteriormente, na Constituição Federal de 1988, foi considerada parte inicial da Educação Infantil, sendo reconhecido seu caráter educativo.

Entretanto, o aspecto assistencial sempre esteve presente na realidade dessas instituições, pois as concepções de educação e cuidado são interligadas, de forma que o profissional atuante em creches necessita de uma prática que favoreça as descobertas, as trocas afetivas, a aprendizagem, o conhecimento da realidade, além do desenvolvimento das potencialidades das crianças.

A creche não tem o objetivo de substituir a educação da família, mas sim complementá-la. A partir dessa concepção, alguns autores consideram que a creche é um “mal necessário”, pelo fato das crianças tão pequenas serem retiradas do seio familiar durante um período do dia, enquanto o ideal para esses autores era que estivessem sob o cuidado da mãe. Telles é citado por Moreira (2009, p. 7):

Reconhecemos que na situação social atual as creches são necessárias. Diremos, mesmo, que são um mal necessário. Mal, porque são o sintoma de um desajustamento moral e econômico; falam sempre de uma sociedade mal organizada, onde necessário se faz o abandono do lar e dos filhos por parte da mulher, para que seja possível o seu sustento. Dizemos mal necessário, porque a sua não existência acarretaria males maiores, como por exemplo, a dissolução de muitas famílias, a delinquência infantil, um sem número de crianças débeis física e quem sabe se também mentalmente.

Por outro lado, há autores como Richter (2010) que defendem a ideia de que a criança deve conviver com diferentes crianças e adultos desde as primeiras idades para ampliar suas experiências e se desenvolver com maior autonomia, da mesma forma que terá acesso à variedade de oportunidades para a construção do conhecimento e a integração social será estimulada.

A transição da função da creche, do assistencialismo ao educativo, deu origem ao não esclarecimento efetivo a respeito do principal objetivo dessa instituição.

Muitas vezes os educadores da creche ficam tão ocupados com outras coisas (a merenda, as mães, a organização dos grupos de crianças [...]) que reduzem suas tarefas ao cumprimento de uma rotina monótona e cansativa. Adiam assim a reflexão sobre seu trabalho pedagógico (OLIVEIRA, 1992, p. 15).

Assim sendo, a função educativa da creche deve ser explícita para as famílias e para os professores, para que a realidade da instituição não se restrinja à assistência das necessidades físicas das crianças, mas que o cognitivo também seja desenvolvido.

Para que as instituições de creche tenham efetivamente caráter educativo, é necessário que haja uma reflexão sobre o sujeito que se pretende com o auxílio de políticas públicas que valorizem a infância. Pois, ao contrário de uma educação assistencialista que forma sujeitos subordinados, a educação nos primeiros anos de vida deve favorecer a emancipação para que sejam formados sujeitos autônomos e críticos. Sendo assim, nas creches o cuidado e a educação devem caminhar juntos de forma que não seja priorizado nenhum dos aspectos individualmente, mas a fusão deles.

1.3.3 Currículo da creche

O currículo educacional como um todo é o norteador de habilidades e competências a serem desenvolvidas pelos professores e é também instrumento de equalização da educação em todo o país. Com relação à educação de crianças de zero a três anos, na creche, não há uma lista engessada de conteúdos a serem trabalhados. O que existe são propostas a serem desenvolvidas durante os anos iniciais de acordo com o desenvolvimento das crianças.

Os educadores da creche, assim como os da pré-escola têm como norteador o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), documento que possui estratégias para contribuir para uma prática que respeitem os direitos fundamentais da criança e ajudem a construir uma sociedade mais democrática. Assim sendo, o ambiente e as atividades da Educação Infantil devem ser propícios para que valorizem o desenvolvimento pleno da criança.

As crianças atendidas por creches, por seu desenvolvimento, precisam de atenção especial às suas necessidades básicas, por isso o RCNEI contempla como objetivos e como conteúdos fatores que forneçam às crianças um ambiente de acolhimento e educação, para que o aprendizado na creche não se distancie do cotidiano familiar, da mesma forma que é preciso ter significação para que as crianças se interessem pelos ensinamentos.

A creche deve ser um espaço de aprendizado, mas que contemple a liberdade dos pequenos, pois será a partir dessa que os valores serão ensinados e despertados nas crianças. Ao contrário do que se costuma pensar, as crianças têm preferências e sabem escolher desde bem pequenas o melhor lugar, a melhor posição, bem como o brinquedo predileto. Essa escolha, segundo o RCNEI, deve ser incentivada para que a criança estabeleça a sua autonomia e se reconheça como sujeito no ambiente em que está inserido. Dessa forma, a autoestima também estará sendo contemplada, visto que o processo de construção da autoconfiança se dá na interação entre adultos e crianças e na confiança que é concedida aos menores.

É importante criar situações educativas para que, dentro dos limites impostos pela vivência em coletividade, cada criança possa ter respeitados os seus hábitos, ritmos e preferências individuais. Da mesma forma, ouvir as falas das crianças, compreendendo o que elas querem comunicar, fortalece sua autoconfiança (BRASIL, 1998).

Uma importante estratégia de aprendizado nesse nível de ensino é o faz-de-conta, proposto pelo RCNEI. Além de corresponder à necessidade de imaginação da criança, desenvolve a interação com as outras crianças e o educador atua como mediador dessa estimulação. Pela faixa etária, as crianças tendem a reproduzir o cotidiano em que vivem e são nesses momentos que são desenvolvidas as habilidades da oralidade, da descoberta e do autoconhecimento.

O *Reconhecimento progressivo do próprio corpo e das diferentes sensações e ritmos que produz* é um dos conteúdos que devem ser explorados pelos educadores de crianças de zero a três anos e pode ser contemplado com um grande espelho na sala de creche para que as crianças identifiquem suas particularidades e se reconheça como parte integrante do ambiente. A

construção da imagem favorece o autoconhecimento infantil e a autonomia do sujeito dentro do grupo de crianças.

O cuidado é fator inerente à infância, entretanto, segundo o RCNEI, a autonomia deve ser priorizada àquelas crianças que têm competência para exercer de maneira satisfatória suas próprias necessidades, como comer sozinhos, lavar as mãos e vestir as roupas.

À medida que vão crescendo, o professor pode incentivá-los a participar ativamente dessas atividades de atendimento das necessidades. O professor favorece a independência quando estimula a criança, exigindo dela com afeto e convicção aquilo que ela tem condição de fazer (BRASIL, 1998).

Sendo assim, a creche estará cumprindo sua função educativa, pois estará preparando o sujeito para uma vida autônoma, da mesma forma que estará contribuindo para o bem estar da criança.

A atenção ao cuidado é extremamente importante para o desenvolvimento integral da criança, porém esse cuidado não pode ser excessivo para que a autonomia da criança seja incentivada e desenvolvida. Um exemplo é o sono forçado, a criança precisa do momento do descanso, principalmente nas creches de turno integral, mas não podem ser forçadas a fazer o que não desejam. Pelo contrário, as crianças precisam entender os benefícios que as atividades propostas lhe trarão para executá-las sem transtornos.

A descoberta também é um fator inerente à infância, por isso deve ser estimuladas com atividades seguras e que satisfaçam a curiosidade das crianças.

Assim trata as Diretrizes Pedagógicas da SEEDF:

Educar, conforme preconizado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, consiste em proporcionar momentos de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas, de modo a contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis e a para aquisição das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas. Cuidar, por sua vez, significa valorizar e ajudar a criança no desenvolvimento de suas capacidades. Para se atingir tais objetivos, é necessário que as atitudes e os conhecimentos estejam voltados para o desenvolvimento integral da criança, levando em consideração as diferentes realidades

socioculturais, de modo a contribuir para a formação de um ser humano crítico, criativo, reflexivo e solidário (BRASIL, 2008).

Para que todas habilidades previstas nas Diretrizes Pedagógicas e no RCNEI sejam efetivamente trabalhadas e desenvolvidas, é necessário ter acesso à criança de forma a contribuir para a aprendizagem dessa e incentivar para que a própria tome consciência do seu papel enquanto aprendiz. Esse acesso deve ser oportunizado nos momentos livres e de interação das crianças. Dessa forma, é imprescindível que a instituição escolar proporcione momentos lúdicos, pois a brincadeira proporciona benefícios indiscutíveis para o desenvolvimento, a construção da autonomia e o crescimento da criança, habilidades essenciais a serem desenvolvidas na Educação Infantil.

A SEEDF elege dois objetivos primordiais para a educação de crianças. O primeiro é a *construção da identidade e da autonomia* e o segundo é a *ampliação progressiva dos conhecimentos de mundo*. Para que esses objetivos sejam alcançados, é necessário que se reflita sobre a concepção que a criança possui de identidade, autonomia e conhecimento de mundo para que, assim, se possa trabalhar e desenvolver esses aspectos nas crianças.

Dessa forma, a ação pedagógica deve favorecer pressupostos e medidas didáticas que facilitem o trabalho do profissional e a aprendizagem coletiva, além das relações significativas da criança com outras crianças e consigo mesma. Para que isso aconteça, as Diretrizes Pedagógicas da SEEDF relaciona como princípios de ação a utilização do lúdico em situações de aprendizagem, a aceitação das respostas “erradas” das crianças, bem como compreender sua forma de pensar.

O currículo da SEEDF para a Educação Infantil, em especial para a creche, visa contemplar a criança em sua totalidade a fim de propor a adoção de políticas contextualizadas, tendo em vista superar a fragmentação das ações educativas para favorecer a construção de práticas que contemplem as demandas da criança e de sua família, tendo em vista que o todo não é a junção das partes.

A creche é, por lei, uma instituição educativa. Porém possui especificidades por compreender que as crianças atendidas são, na verdade,

alunos matriculados e que esses precisam de uma rotina que atenda além das necessidades psicológicas e cognitivas, as necessidades físicas e biológicas.

[...] as crianças pequenas, em sua condição vital de serem simultaneamente dependentes dos cuidados do adultos e independentes em seus processos interativos no e com o mundo, rompem a tradição de conceber e realizar o currículo como prescrição de “objetivos” e conteúdos a serem aprendidos. (RICHTER; BARBOSA, 2010, p. 90)

As pessoas que trabalham em creches, como ambientes educacionais para crianças pequenas, devem refletir e praticar ações diárias que sejam diferentes do tradicional modelo escolar do ensino fundamental organizado em aulas, já que para a educação infantil as habilidades e competências devem ser desenvolvidas na prática. Tratando-se de crianças menores de três anos, a educação deve estar estritamente ligada ao cuidado. Por exemplo, no que tange à higiene os alunos aprenderão a tomar banho e a lavar as mãos no momento em que estiver fazendo, ação educativa que deve ser consciente por parte do professor que estará desenvolvendo uma habilidade proposta pelo RCNEI e, ao mesmo tempo, estará cuidando da saúde de seus alunos.

Para dar significado à aprendizagem, é necessário que a criança aprenda na prática. Por isso, é de extrema importância que os professores da creche e da Educação Infantil em geral, ensinem e cuidem por meio da prática, pois é essencial que se tenha acesso à criança pequena para que as habilidades e competências propostas sejam efetivadas. Assim sendo, as horas que a criança passa nas creches devem ser ricamente aproveitadas afim de prepará-la para a vida em sociedade aproveitando os espaços e as descobertas (como as brincadeiras, os momentos de higiene e alimentação entre outros) da criança para que tal competência seja desenvolvida.

1.3.4 As creches e suas rotinas

Planejar e organizar as atividades a serem desenvolvidas nas classes educativas é uma das principais funções do professor. Entretanto, no que é referente às turmas de creche, o educador deve ir além: deve propor atividades que façam parte do cotidiano das crianças, mas que ao mesmo tempo dê espaço e estimule a descoberta, a imaginação e a criatividade.

A organização do tempo e do espaço das atividades da creche devem proporcionar conforto para que as ações sejam realizadas com espontaneidade. Por essa razão, há autores que acreditam que as rotinas nas creches são instrumentos de engessamento das atividades. Barbosa (2006) apud Campagne (s.d.. p.545) diz que a rotina é “um processo até certo ponto mecânico para fazer ou ensinar alguma coisa. [...] sem uso, uma prática transmitida e tornada habitual, sem princípios de razão para regulá-la ou para justificá-la”. Por outro lado, a ideia defendida por Oliveira (1992, p. 34) é a de que “o desenvolvimento infantil obedece a uma sequência biologicamente constituída e pré-definida”. Assim sendo, o educador deve criar rotinas que possibilitem condições para que aconteça o desenvolvimento das peculiaridades infantis que são inatas, mas é preciso se precaver para não ser realizadas apenas atividades de cuidado e assistência.

A creche organiza suas atividades obedecendo ao ‘relógio biológico ou da natureza’, principalmente com crianças menores de três anos, as quais necessitam, de fato, de maior atenção aos cuidados físicos. Há o almoço, o horário do sono, do suco, do banho e etc., configurando uma sequência de momentos que, dando caráter cíclico das disposições orgânicas das crianças, torna-se ‘rotineira’, muitas vezes até para as crianças maiores. O que se observa é que esse ‘relógio biológico’, ao invés de ser um sábio parâmetro a ser considerado, torna-se o ‘carrasco’ dos educadores, obrigando-a ajustar as atividades de suas turmas às funções de cuidado físico que, sem dúvida, a creche tem que assumir. (OLIVEIRA, 1992, p. 34)

Considerando que para a criança tudo deve ter seu horário, a partir do “relógio-biológico” foi percebida a importância de conceber uma rotina para os locais onde as crianças passam grande parte do dia. Assim, foram criadas as rotinas nas creches a fim de possibilitar às crianças apoio às suas variadas necessidades. Porém, nem todas as crianças possuem os mesmos hábitos como dormir e fazer suas necessidades fisiológicas no mesmo horário, o que possibilita ao profissional da Educação Infantil um olhar diferenciado para cada criança. Outra questão que deve ser considerada é o engessamento das atividades a partir do “relógio biológico”, pois as rotinas devem desenvolver as habilidades e competências propostas pelo RCNEI e também auxiliar o educador no que tange ao cuidado das crianças.

É importante que seja considerado que o “relógio biológico” do ser humano está em constante transformação e as rotinas das instituições educacionais devem também ser compatíveis com essa mudança. Um exemplo claro é a hora do sono, quando nas creches as crianças são obrigadas a dormir depois do almoço, essa prática será extremamente comprometida se as crianças não têm o costume de dormir nesse horário quando estão fora da creche. Ou seja, é importante que a rotina da Educação Infantil possibilite a criança a explorar e experimentar novas descobertas, mas não pode ser distante da realidade do aluno, pois assim essa rotina não respeitará a liberdade da criança.

Barbosa (2006) define as rotinas como sendo uma categoria pedagógica que são estruturadas pelos responsáveis pela Educação Infantil com a finalidade de desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições escolares de crianças pequenas. Porém, o plano de trabalho organizado pela rotina não deve ser engessado e livre de inovações. Pelo contrário, deve dar espaço para as descobertas e para as atividades que contemplem o currículo. Portanto, a rotina deve ser a personificação do currículo.

Uma proposta pedagógica para a creche envolveria a organização de variadas atividades, com diferentes materiais e em espaços físicos determinados para grupos de crianças. Essas atividades, o educador cuidaria de interagir com as crianças e de favorecer a interação entre elas e delas com os objetos, espaços, situações, enfim disponíveis. No ambiente organizado, busca-se o equilíbrio entre aquilo que é novo para a criança, ocasiões para ela explorar e descobrir, e aquilo que lhe é familiar, momentos em que ela retoma ações, brincadeiras. (OLIVEIRA, 1992, p. 35)

Para que os objetivos curriculares definidos pelo RCNEI sejam atingidos, é importante que, ao propor a organização do tempo e do espaço no cotidiano das crianças na creche, sejam observadas alguns fatores que são determinantes para que a criança se desenvolva de maneira autônoma. Craidy & Kaercher (2001) listam alguns desses fatores: as brincadeiras – como e onde são desenvolvidas -, as preferências das crianças – onde gostam de ficar e o que gostam de fazer – e os momentos de agitação e de calma. Dessa forma, as atividades propostas na rotina terão significado para as crianças e, assim, serão impulsionadas a desenvolver-se livremente.

Não há uma rotina imposta pelos órgãos governamentais para ser colocada em prática, o que sustenta o argumento de que as rotinas devem ser flexíveis e ajustar-se às especificidades da turma em questão. Dessa forma, o profissional competente para elaborar tal plano de trabalho é o professor, que conhece seus alunos e a melhor forma de contemplar o currículo naturalmente com e para as crianças.

As crianças da creche devem ser vistas como sujeitos capazes de aprender e se desenvolver, portanto é necessário que o professor organize estratégias para que as habilidades e as competências propostas pelo RCNEI sejam atingidas. Por outro lado, é essencial que se considere que a criança de até três anos de idade tenha necessidades e que devem ser cuidadas por adultos, dessa forma, a criança que frequenta a creche e que passa grande parte do dia na escola deve ter suas necessidades básicas atendidas. Assim sendo, a rotina da creche deve ser uma ferramenta de possibilidade de atividades que contemplem o currículo, pois a creche é uma instituição educacional; e que dê suporte para atender às necessidades das crianças, pois é também um lugar de cuidado.

A rotina pedagógica é um elemento de estruturação da instituição, da mesma forma que tenta organizar e normatizar a subjetividade das crianças e dos adultos que frequentam os espaços de educação e cuidado. Porém, é necessário que se articule conhecimentos para fundamentar da melhor forma o processo de rotinização das crianças pequenas tendo em vista o olhar educacional e assistencial que devem atuar em parceria para que a crianças se alcance o desenvolvimento global da criança.

1.3.5 Infância e criança da creche

A concepção de infância que temos atualmente não é a mesma há tempos atrás. As crianças já foram vistas e tratadas como mini adultos sem a devida preocupação e atenção que as idades iniciais necessitam.

Philippe Ariès é um dos estudiosos que escreveu sobre a infância na Idade Média, seu processo histórico e sobre seu sentimento.

O sentimento da infância não significa o mesmo que a afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente as crianças do adulto, mesmo jovem (ARIÈS, 1981, p. 80).

De acordo com o autor, o sentimento da infância começou a surgir no século XIII, pois antes desse período não existia preocupação alguma com as crianças. A partir de então, a sociedade começou a perceber que a infância tem características e necessidades específicas da idade e que devem ser consideradas, fato que o autor denomina de “descoberta da infância”.

As crianças então eram vistas como as mais ingênuas e frágeis dentre os indivíduos, sendo imprescindível que recebessem toda a atenção, o cuidado e a “paparicação” necessária para que se desenvolvessem (Ariès, 1981). Porém, no fim do século XVII, essa “paparicação” começou a ser abandonada por influência dos moralistas e educadores que observaram que a preocupação com a infância não se restringia apenas às brincadeiras, mas que também deveria existir uma preocupação moral.

Após verificar que a infância deveria ser vista de forma diferenciada, Ariès percebeu ainda que a “descoberta da infância” era distinguida em dois sentimentos. O primeiro, denominado de “paparicação” e o segundo caracterizado pela preocupação com a formação moral das crianças.

O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela “paparicação” – surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. (ARIÈS, 1981, p.83)

Foi a partir dessa preocupação que a educação começou a ter como função proporcionar o desenvolvimento da racionalidade para que essas crianças se tornassem adultos virtuosos. Entretanto, “assim que ingressava na escola, a criança entrava imediatamente no mundo dos adultos” (ARIÈS, 1981, p. 85), o que se pode entender que não havia preocupação com a forma que era transmitido o conhecimento e nem como esse conhecimento era aprendido.

Com a criação das creches, anteriormente denominadas casas de asilos, as crianças pequenas possuíam um espaço de assistência. Ao passar dos anos, seu objetivo passou a ser educativo, incumbindo à creche a função de cuidar e de educar de acordo com as necessidades e progressos das crianças.

As creches foram criadas inicialmente para dar suporte na educação de crianças das famílias com mães operárias, assim o que mais se aproxima da realidade do Brasil e, principalmente do Distrito Federal, é que as creches populares até hoje atendem crianças oriundas de famílias trabalhadoras com baixo nível econômico, mas ainda é escasso o número de instituições públicas que atendem essa demanda.

Com a preocupação de universalizar a pré-escola e ampliar o número de creches surgiu o programa governamental Proinfância, já que, de acordo com a revista *Nova Escola* de fevereiro de 2011, a legislação ainda não assegura o acesso às creches, pois somente 18,4% das crianças de até três anos estão matriculadas nesse segmento de ensino, considerando que até 2010 pelo menos 50% das crianças deveriam ter acesso às creches.

Assim sendo, o Proinfância é um programa do Ministério da Educação que tem o objetivo de repassar recursos, além dos meios já existentes, aos municípios para ampliar a rede de creches e pré-escolas públicas em todo país. Porém é necessário que as instituições conheçam o programa, regularizem a situação orçamentária e façam a solicitação para que seja contemplada. Essa é, sem dúvida, uma alternativa para que as instituições de creche sejam ampliadas e, mais que isso, que a qualidade da educação fornecida por essas instituições sejam elevadas. É importante também considerar que a gestão é fundamental para que esse recurso seja aplicado com sucesso. De nada adianta ter um dinheiro a mais na escola e não ser investido efetivamente para a melhoria da qualidade do atendimento às crianças pequenas.

A infância é repleta de descobertas. Tanto as crianças que são atendidas por creches como as que não são aprendem com a interação no meio em que estão inseridas. Porém, as crianças que frequentam as creches, seja de caráter popular ou privado, possuem oportunidades de interações desde a mais tenra idade com adultos e outras crianças, possibilitando assim o

desenvolvimento afetivo, emocional e psicológico, além de incentivar a autonomia e a integração com o grupo.

As crianças que são cuidadas sem a ajuda dessas instituições também se desenvolvem, mas não possuem as mesmas oportunidades de descoberta e interação como as crianças frequentadoras de creches.

Para tanto, cabe à sociedade dar importância para tal etapa de vida e cabe à creche e aos seus profissionais, definir estratégias para que a descoberta da infância seja efetiva e incentivada nessa etapa da vida, de forma que a aprendizagem seja consequência de seu desenvolvimento, podendo assim, o professor utilizar-se de recursos lúdicos para que a aprendizagem seja desenvolvida e a liberdade da criança seja favorecida.

CAPÍTULO II

A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ludicidade tem origem na palavra “ludus” que significa jogo, porém o conceito de ludicidade vai além. Assim como a concepção de sociedade evoluiu, estudos na área de psicomotricidade, criatividade, trabalho pedagógico e desenvolvimento infantil fizeram com que a palavra também evoluísse. Pode-se considerar que o lúdico faz parte da atividade humana e é caracterizado por ser espontâneo, funcional e satisfatório; estudiosos da área como Brougère (2008) e Moyles (2006) destacam que, na atividade lúdica, não é privilegiado o resultado e sim, a ação e o momento vivenciado.

Quando se trata de ludicidade na educação, nos remetemos aos jogos com objetivo explícito de ensinar algo. Entretanto é mais do que isso. A ludicidade é natural à criança, que só toma consciência do faz-de-conta a partir da intervenção da sociedade. Portanto, a criança brinca e se desenvolve naturalmente com a brincadeira, porém os profissionais da Educação Infantil devem aproveitar das brincadeiras naturais da criança para direcionar às aprendizagens e, assim, os momentos lúdicos das crianças serão ainda mais valiosos para desenvolver aspectos cognitivos, sociais, afetivos, psicomotores, linguísticos e psicológicos.

A educação lúdica é uma ação intencional e para que essa ocorra de maneira efetiva é essencial que sejam utilizados recursos que podem variar como jogos, brinquedos, brincadeiras, histórias e cantigas, mas que devem prever o desenvolvimento integral do sujeito, considerando aspectos como a criatividade, o vocabulário, a imaginação e não deixando de lado as habilidades e competências propostas pelo RCNEI. É essencial que as crianças pequenas brinquem em seu ambiente de escolarização para aproximar suas necessidades com o que é proposto para o seu desenvolvimento integral, sendo a ludicidade o elo entre esses dois fatores.

2.1 Os brinquedos e as brincadeiras

O uso de instrumentos lúdicos na infância é essencial para o desenvolvimento afetivo, crítico e cognitivo. Assim sendo brinquedos e brincadeiras são ferramentas fundamentais na educação lúdica, priorizada na educação de crianças.

O brinquedo, segundo sua conceituação no dicionário Aurélio (FERREIRA, 1988), é o objeto que serve para as crianças brincarem, ou seja, é o instrumento utilizado para que a brincadeira aconteça. Brougère (2008) define brinquedo como um objeto que a criança manipula livremente sem estar condicionado às regras ou à princípios de outra natureza. A imaginação é algo inerente da infância, por essa razão, é importante salientar que os objetos utilizados como brinquedos nas brincadeiras que nem sempre foram fabricados para serem manipulados de tal forma; um claro exemplo é quando a criança em um espaço que não tem os brinquedos próprios, absorvida pelo momento lúdico utiliza um prato que, em meio a brincadeira, se torna o volante de um carro.

A cultura da infância¹ é inegavelmente retratada tanto nos brinquedos utilizados, como nas brincadeiras da infância. A criança explorará o mundo que a rodeia por meio da representação que possui sobre os adultos e sobre a vida cotidiana. E, mais que isso, uma criança, ao brincar, retratará a situação de acordo com os costumes, valores e crenças a que está inserida. Assim cita Moyles (2006, p. 45):

Os efeitos culturais do ambiente familiar não podem ser ignorados, pois têm uma considerável influência sobre os padrões posteriores do comportamento e do brincar da criança. A presença de outros adultos e de irmãos mais velhos determina o desenvolvimento das crianças pequenas e sua maneira de brincar.

¹ A cultura da infância é diretamente relacionada à construção social da criança. As culturas da infância segundo Sarmiento (2002), possuem dimensões relacionais, essas se constituem nas interações de pares entre crianças e adultos, estruturando-se nessas relações formas e conteúdos representacionais distintos.

O brinquedo estimula a brincadeira ao abrir possibilidades de ações coerentes com a representação (BROUGÈRE, 2008, p. 15), incentivando assim uma brincadeira a partir de um objeto. Porém, pode acontecer o inverso, quando uma brincadeira escolhida necessita de brinquedos específicos. É daí que surge a necessidade de adequar objetos às características de brinquedos na falta desses, como o exemplo do prato que vira um volante. Assim como Kishimoto (*apud* Beart *apud* Campagne, 1989, p. 28) podemos definir o brinquedo como suporte da brincadeira, quer seja concreto ou ideológico, concebido ou simplesmente utilizado como tal. Assim, o brinquedo é um instrumento incentivador da brincadeira e a brincadeira, uma oportunidade de criação de novos brinquedos e novas utilidades.

Segundo Brougère (2008), a brincadeira é uma confrontação com a cultura e é nela que a criança se relaciona com conteúdos culturais de reprodução e de transformação. É a partir da brincadeira que a criança terá acesso a uma cultura particular e se apossará do universo que a rodeia para constituir sua própria identidade.

Segundo mesmo autor, não existe na criança uma brincadeira natural, a brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura (BROUGÈRE, 2008). Pensando assim, as crianças aprendem a brincar a partir de brincadeiras que os adultos fazem consigo enquanto ainda muito pequenas. Porém, a brincadeira é uma expressão da criança que toma forma naturalmente a partir de incentivos externos, no caso, incentivo de pessoas e objetos.

A criança entra progressivamente na brincadeira do adulto, de quem ela é inicialmente o brinquedo, o espectador ativo e, depois, o real parceiro. Ela é introduzida no espaço e no tempo particulares ao jogo. Além dessa iniciação, seus comportamentos se originam, antes de mais nada, nas descobertas (BROUGÈRE, 2008, P. 28)

A brincadeira é a lógica do fazer de conta, o que Piaget chama de brincadeira simbólica. É, para a criança, a externalização da concepção de

mundo, que resulta no momento de acesso à ela. É por isso que a brincadeira é tão fundamental nas instituições escolares de Educação Infantil, pois é a partir de momentos lúdicos que os profissionais da educação reconhecem seus alunos e que as crianças se veem como sujeito. Assim sendo, a manifestação lúdica da criança deve ser considerada a fim de seja uma porta de entrada para os conhecimentos, valores e habilidades que devem ser trabalhadas durante o período em que a criança passa na instituição escolar.

2.2 Os espaços de brincar

Assim como a brincadeira é importante, o incentivo a ela também é fundamental no espaço escolar. O espaço físico utilizado pelas brincadeiras e pelo lúdico em geral deve favorecer o desenvolvimento cognitivo, físico e psicomotor proporcionado pelas atividades lúdicas.

O primeiro espaço de cuidado, desenvolvimento e liberdade da criança que está na primeira infância é a família. Entretanto, as famílias da atualidade não proporcionam esse espaço para as crianças pela necessidade dos pais em trabalhar para o próprio sustento e dos filhos. Assim sendo, a creche é o local onde as crianças permanecem durante o dia para que seus pais cumpram as obrigações do trabalho. Por isso, as crianças estão começando a frequentar o espaço escolar cada vez mais cedo e, portanto, a creche é o local onde as crianças da primeira infância brincam na falta do espaço familiar.

As ruas, os parques e os campos já foram considerados lugares propícios para que as crianças brincassem. Hoje, porém, são considerados lugares de risco, pois houve um aumento no número de carros, de habitações e de criminalidade. Sendo assim, é essencial que, enquanto as crianças brincam, haja, até certo ponto, supervisão de um adulto – na escola, dos profissionais da educação. Essa supervisão deve se restringir ao cuidado para que as crianças não se machuquem e até para apartar eventuais brigas. Entretanto, o adulto que brinca não deve manipular a brincadeira a fim de brincar pelas crianças, mas sim assumir um papel brincante de igual para igual com os pequenos.

Contudo, Moyles (2006) explica que a supervisão do adulto pode ser prejudicial para o desenvolvimento da brincadeira e fala também da influência do espaço físico para tal.

A ausência de supervisão e de estímulo diretos por parte do adulto não significa, talvez surpreendentemente, que as crianças operam sem constrangimentos. A interação dos muitos fatores que influenciam o comportamento das crianças é complexa. A equação enganosamente simples de Darvill (1982) do comportamento de brincar sugere que esse comportamento é uma função da relação entre a criança que brinca e o ambiente de brincar. Cada fator dessa equação é variável. Embora talvez não seja um instrumento de predição, a equação realmente serve para enfatizar a inter-relação dos fatores que impulsionam a escolha da atividade por parte da criança. (MOYLES, 2006, p. 67)

O espaço disponível para brincar é de fundamental importância para a escolha da brincadeira. Dessa forma, as crianças levam em consideração o espaço físico ao escolher determinada atividade. Essa influência é tão forte que, em alguns casos, as crianças, mesmo inconscientemente, brincam de certa brincadeira apenas em um espaço e, quando é obrigada a mudar de lugar, a brincadeira perde o sentido. Esse é um exemplo de que a escolha do ambiente também inclui questões culturais, sociais e pessoais, da mesma forma que o gênero, o número de participantes e o relacionamento entre eles influenciam na escolha do ambiente e da brincadeira.

Na escola há diferentes espaços de brincadeira, porém o que mais é visto propriamente como o local de brincar é o pátio, onde os alunos passam o recreio. Porém é necessário que se perceba que a brincadeira pode ser desenvolvida em diferentes espaços, como por exemplo, a sala de aula que seria necessitaria de uma brincadeira planejada. Igualmente às outras etapas da Educação Infantil, a creche também se utiliza da ludicidade em seu plano pedagógico, pois é a maneira mais eficaz de ensinar qualquer conteúdo às crianças pequenas. Entretanto, o brincar na creche nem sempre é direcionado ao desenvolvimento de alguma habilidade e competência, e sim é utilizado como um passatempo para cobrir uma falta de planejamento. Porém, mesmo quando a brincadeira é livre e não há nenhum planejamento por parte do professor, essa é positiva para o desenvolvimento das crianças. A diferença é

que o momento da brincadeira estaria sendo mais aproveitado se existisse um planejamento que a direcionasse para alguma aprendizagem.

O espaço da ludicidade no ambiente escolar deve ser previsto em três instâncias: o espaço físico capaz de proporcionar aos alunos recursos, conforto e segurança; o espaço de gestão que corresponde à direção abarcar em seu Projeto Político Pedagógico momentos que contemplem a atividade lúdica como estratégia de aprendizagem e; o espaço de planejamento do professor que é a ludicidade utilizada efetivamente pelo docente a partir da organização de sua aula e da reflexão sobre a utilização de recursos lúdicos como ferramenta de ensino.

A preocupação com o bem estar da criança da creche é fundamental para que a mesma se desenvolva de maneira integral. Assim sendo, o ambiente em que a criança está deve incentivar a busca pelo novo, da mesma forma que deve fortalecer as habilidades já adquiridas. Por isso, a sala de aula que prioriza a ludicidade deve ser espaçosa de acordo com a quantidade dos alunos e possuir recursos para que as atividades lúdicas aconteçam de maneira efetiva. Porém, é importante ressaltar que a criança brincará e se desenvolverá de qualquer forma e em qualquer lugar, a diferença está na qualidade desse desenvolvimento a partir de recursos físicos, como o espaço.

2.3 O brincar como ferramenta pedagógica na Educação Infantil

O brincar está presente na vida e, principalmente, na infância de cada indivíduo. É algo intrínseco da criança e é fundamental no seu desenvolvimento. “A atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais e sociais superiores” (ALMEIDA, 1995, p. 20). É através do brincar que a criança estabelece relacionamento consigo e com o mundo.

A criança leva para a brincadeira aquilo que faz parte da sua realidade, expressa as suas emoções e assimila as regras e comportamentos sociais, através da representação da realidade em que vive sendo passada em forma de brincadeira. O brincar possibilita a transição entre o mundo real e o imaginário. A criança gosta de brincar e sente prazer ao realizá-lo, pois

possibilita a externalização dos seus sentimentos sem a pressão que acontece no mundo real. Por meio da brincadeira ela pode desenvolver o papel que lhe agrada. Teles (1999, p.14) afirma, com relação à criança e a brincadeira:

“Brincando, ela explora o mundo, constrói o seu saber, aprende a respeitar o outro, desenvolve o sentimento de grupo, ativa a imaginação e se auto-realiza (...) brincando, a criança, também, coloca para fora as suas emoções e personaliza os seus conflitos (...). A criança reproduz na brincadeira a sua própria vida. Através dela, ela constrói o real, delimita os limites frente ao meio e ao outro e sente prazer de poder atuar ante as situações e não ser dominado por elas”.

A brincadeira pode ser vista como descarga emocional, pois a criança encontra tranquilidade e, ao mesmo tempo, libera as emoções e frustrações. “Criança que não brinca, que desenvolve, muito cedo, a noção do “peso” da vida, não tem condições de se desenvolver de maneira sadia. De alguma forma esta lacuna irá manifestar-se em sua personalidade adulta” (Teles, 1999, p. 14). A brincadeira também estimula o desenvolvimento físico, cognitivo e social da criança, portanto, toda criança deveria ter o direito de brincar.

A criatividade dentro do brincar constrói a autonomia, pois é de ação da pessoa que a faz, podendo fazer da maneira dela, que também está vinculada a liberdade de cada indivíduo. Para Teles (1999), a criança que não exerce sua criatividade por meio da brincadeira, provavelmente não será um adulto criativo.

Além de estimular a criatividade, o brincar aprofunda o conhecimento e a compreensão da realidade de uma forma prazerosa. A criatividade remete ao sonho e ao irreal, ela possibilita formar um sujeito capaz de criar e viver bem a realidade. Virgolim (1994) confirma que “aqueles que só vivem a realidade, incapazes de sonhar, de ousar sair da rigidez de seus hábitos são aqueles que estão mais comprometidos, em termos de sanidade mental.” In Teles (1999).

O jogo proporciona à criança “sincronizar os processos corporais e sociais com o eu (...). O jogo da criança é a forma infantil da capacidade humana para manejar a experiência, criando situações modelo para dominar a

realidade por meio da experimentação e do planejamento” (Erikson, 1971: in Teles, 1999, p. 18).

Morales Asceino (1995) in Fernández (2001, p. 23) afirma com relação às possibilidades do brincar voltados para o ensino:

“Brincar é descobrir as bondades da linguagem: é inventar novas histórias, é assistir à possibilidade humana de criar novos pulsares, e isso é maravilhosamente prazeroso. Brincar é pôr a galopar as palavras, as mãos e os sonhos. Brincar é sonhar acordado; ainda mais: é arriscar-se a fazer do sonho um texto visível um grande obstáculo para instrumentalizar um programa educativo em que a criança e seus jogos estejam no centro é a dificuldade que têm os professores para jogar.”

Como cita Morales no trecho acima é desafiador ao educador utilizar o brincar em sala de aula, porém possibilita a criatividade, a autonomia e o prazer em aprender. Uma das dificuldades é a diversidade entre os alunos. A forma de brincar diferencia-se de uma cultura para a outra, pela realidade em que cada criança vive, como por exemplo, a forma de brincar de uma criança que mora na favela, que a brincadeira retrata a realidade como o tráfico de drogas e a diferença da brincadeira de uma criança de classe média que possui brinquedos e brinca somente em casa. Apesar disso todos brincam como afirma Winnicott (1975).

A Educação Infantil é o primeiro espaço extrafamiliar que a criança frequenta. Daí a importância de haver uma preocupação em unir o brincar natural da infância com as habilidades e competências propostas pelo RCNEI. Assim sendo, para haver uma educação lúdica é necessário conciliar os objetivos pedagógicos do currículo com os desejos dos alunos, essa é uma tarefa difícil para o professor, mas não impossível. A brincadeira é uma ferramenta que auxilia o professor, pois como diz Fortuna em seu texto “Formando professores na Universidade para brincar” “Ao professor, o jogo ensina como seu aluno aprende, se relaciona, levanta hipóteses, se expressa – é um manancial de informações sobre a vida intelectual, social e afetiva de quem aprende”. A observação é um passo fundamental para que o educador

entenda como a criança brinca e se relaciona. Podendo se utilizar disto para obter uma educação mais eficaz.

2.4 As brincadeiras nas rotinas de creches

A escola é o lugar social onde se espera que a criança se desenvolva e aprenda. A creche, após a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 foi reconhecida como um espaço educativo e, portanto, etapa inicial da Educação Infantil. Assim sendo, as crianças da creche devem desenvolver seus potenciais de forma livre e espontânea. Para tanto, a ludicidade deve estar presente também nas rotinas das creches para que o desenvolvimento integral da criança seja conquistado.

Léda (2010, p. 190) cita Lajonquière (1992) que explica como a aprendizagem acontece, remetendo à questão do brincar no desenvolvimento da infância e no processo de autoconstrução.

Dizer que o sujeito (re) constrói o conhecimento na contramão dos anteriores é afirmar, ao nível das aprendizagens, que estas resultam possíveis, precisamente na medida em que consegue vencer a resistência que opõem às anteriores. Isto não pode ser de outro modo, pois: sob que forma as aprendizagens se armazenam ou se “memorizam”? As aprendizagens se processam na ordem significativa. Os significantes encarnados guardam em si traços dos processos passados. Desta forma apre(e)nder alguma coisa nova significa recriar uma aprendizagem anterior. (LAJONQUIÈRE, 1992, pag. 190)

Assim como a aprendizagem é construída a partir de vivências anteriores, as brincadeiras também o são, pois essas são retomadas onde a última experiência parou. A brincadeira na creche é o ponto de partida para a aprendizagem nos anos seguintes, considerando que no berçário ou maternal (subdivisões da creche) as crianças serão incentivadas a brincar e a se desenvolver.

A brincadeira, como cita Moyles (2002), incentiva a aprendizagem de uma forma diferente, forma que é caracterizada por uma fragmentação maior e

compactada em segmentos de tempo. Ou seja, a criança que brinca aprende respeitando seu tempo biológico, sem imposição, livremente.

Entretanto, quando pensamos no brincar na rotina de creche nos remetemos a uma reserva de tempo na programação diária para as crianças brincarem livremente. Mas nem sempre acontece assim, já que a brincadeira normalmente é vista como uma forma de manter as crianças ocupadas por um período de tempo. Moyles (2006) diz que a suposição de muitos professores e educadores de creche é que as atividades que lá acontecem são primordialmente recreativas e que o brincar em sala de aula deve ser direcionado a algum conteúdo, o que a creche não possui. Porém, essa visão é errônea visto que, a creche é o lugar de iniciação à socialização, à introdução à valores e às experiências de afetividade fora do contexto familiar.

O brincar é uma necessidade da criança. Enquanto não frequenta uma instituição escolar, a criança brinca no seu ambiente familiar e, quando ingressa nas séries iniciais de escolarização necessita de um suporte que estimule novos hábitos a partir de outros já conhecidos. O brincar é um exemplo disso, as rotinas das creches devem proporcionar aos pequenos momentos de lazer e liberdade para aprender, respeitando seu desenvolvimento, para que a inserção dessas crianças no sistema educacional não seja assustadora, já que essa criança está em fase de desenvolvimento egocêntrico, na construção de seu mundo e é inserida tão cedo em um ambiente desconhecido. Um importante fator é a inserção da mulher no mercado de trabalho. Dados de uma pesquisa organizada pela Dieese mostram que o crescimento da mulher trabalhadora aumentou de 50,2% a 55,5% no período de 1996 a 2004 e que continua aumentando, sendo essencial que aumente também o número de creches para que seus filhos sejam atendidos enquanto trabalham.

As brincadeiras livres são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da integralidade do sujeito e, por isso, é importante que sejam incentivadas. A forma como o brincar planejado deve ser trabalhado na creche deve respeitar à idade da criança em questão e seu desenvolvimento, bem como propor atividades que priorizem a descoberta e incentive o prazer pelo aprender.

Segundo a revista Nova Escola de abril de 2010, em nenhuma outra fase da vida as crianças se desenvolvem tão rapidamente quanto até os três anos de idade, daí a importância de priorizar cada momento de aprendizado com as crianças dessa faixa etária. O conhecimento nessa fase de vida se dá por meio da ação, da interação com os colegas e os adultos, da brincadeira, da imaginação e do faz-de-conta. Assim sendo, em todos os momentos da rotina da creche, deve haver espaço para o aprendizado por meio da ludicidade, que é o principal acesso à criança na primeira infância, pois ensinar na creche significa permitir que as crianças, ao brincar, explorem objetos e ambientes.

A rotina deve dar espaço à ludicidade por essa ser uma ferramenta de ensino que favorável para contemplar as habilidades e competências propostas pelo RCNEI, bem como as necessidades das crianças. Assim sendo, o cuidado e a educação que são as funções principais da creche serão fundidas na por meio da ludicidade em sua rotina, pois, ao mesmo tempo em que dará assistência à necessidade natural das crianças, incentivará seu desenvolvimento cognitivo, crítico e afetivo.

CAPÍTULO III

MÉTODO DE PESQUISA

O conhecimento é algo que está em constante construção e transformação e a pesquisa é uma importante estratégia para a mudança da concepção sobre um determinado conhecimento. Segundo Gil (2010), a pesquisa é o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, e seu objetivo é descobrir respostas para problemas mediante procedimentos científicos. Assim sendo, a pesquisa é essencial para que o conhecimento seja adquirido. E, por isso, o pesquisador deve ter em mente que sua pesquisa deve relacionar-se às suas escolhas bem como ultrapassar o senso comum através do método científico (MINAYO, 1995).

Segundo Gil (2010, p. 8), o método de pesquisa pode ser definido como “o caminho para se chegar a determinado fim e o método científico como conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Essa pesquisa baseia-se na observação de uma turma de creche, por isso foi escolhido o método de pesquisa qualitativo em sua realização, pois buscará a compreensão da dimensão da rotina da creche e a importância do uso de materiais lúdicos como instrumentos pedagógicos. Segundo Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa se refere à aquisição de dados por meio do contato do pesquisador com a realidade estudada, sendo que é dada mais importância ao processo que ao produto, diferentemente da pesquisa quantitativa que foca nos resultados e busca a explicação para determinado fenômeno.

Por meio dessa pesquisa buscou-se responder à seguinte questão: “Como a ludicidade pode contribuir para o desenvolvimento de crianças na rotina da creche?”. As respostas obtidas possibilitarão identificar a utilidade da rotina na creche enquanto método de aprendizagem e o uso de instrumentos lúdicos no desenvolvimento integral de crianças de três e quatro anos.

Em um ambiente escolar, a pesquisa qualitativa tem o dever de “construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida

em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 42). Sendo assim, essa pesquisa pode ser considerada também como uma pesquisa-participante, que é aquela em que “o pesquisador torna-se parte integrante de uma estrutura social e, na relação face a face com os sujeitos da pesquisa realiza a coleta de dados e informações” (MARTINS, 2008, p. 25).

Pela preocupação em entender os métodos da creche e compreender de que forma posso contribuir melhor para a formação das crianças em questão, o local escolhido para a pesquisa será a turma de creche onde trabalho, visando uma reflexão crítica da minha atuação, que me proporcionará amadurecimento profissional. Portanto, o educador que atrela o seu fazer pedagógico ao seu trabalho de pesquisa, reflete sobre sua própria prática e sobre as práticas com que convive. Assim, esse pesquisador estará aperfeiçoando-se profissionalmente e desenvolvendo uma compreensão de suas ações como mediador de aprendizagens e de processos educacionais com os educandos (BORTONI-RICARDO, 2008).

O que também é importante no processo de reflexão da própria prática é que o pesquisador tem maiores chances de modificar o espaço pesquisado, visto que os resultados obtidos na pesquisa poderão ser utilizados para qualificar sua atuação, pois terá oportunidade de refletir, analisar e modificar sua prática. Por outro lado, é importante salientar que a postura ética é essencial em pesquisas realizadas no mesmo local de trabalho. Porque se deve considerar que o papel desempenhado é mais do que de pesquisador, é de um profissional que trabalha para a instituição e, por isso, tem suas obrigações enquanto trabalhador.

O fato de ser monitora da turma a ser pesquisada me auxiliará no desenvolvimento da pesquisa e no envolvimento dos participantes com esta, o que González Rey (2005) caracteriza como *cenário de pesquisa*. Será nesse ambiente que o pesquisador deverá conquistar a confiança dos participantes para que estes se sintam a vontade durante a pesquisa e essa aconteça de forma natural.

A pesquisa exige, antes de tudo, comprometimento do pesquisador. Assim, González Rey (2010, p. 52) afirma que “a pesquisa alimenta-se de dados que, de início, lhe parecem alheios, adquire ao progredir novas dimensões, reinterpreta seus primeiros resultados pelas novas pesquisas que eles mesmos suscitaram”. Portanto, a pesquisa é a imersão do pesquisador em um determinado fenômeno e sua busca pela compreensão deste.

3.1 Instrumentos de pesquisa

As informações para análise serão produzidas utilizando-se como instrumentos a observação participante tendo como foco a utilização dos recursos lúdicos na rotina da creche, as entrevistas feitas com as professoras regentes e os questionários entregues aos pais dos alunos, ambos com o objetivo de entender e analisar as concepções de pais e profissionais a respeito da creche, sua rotina e as brincadeiras nesse espaço.

Toda a pesquisa foi realizada no meu ambiente de trabalho por considerar importante a prática de reflexão-ação que auxiliará no meu desempenho enquanto profissional da educação. Dessa forma, a coleta de dados também será favorecida por já existir previamente um contato com os sujeitos da pesquisa e com a situação pesquisada.

A observação como técnica para coleta de dados constitui-se como elemento fundamental para pesquisa e, segundo Gil (2010), pode ser utilizada agregada a outros instrumentos ou de forma exclusiva. Nessa pesquisa a observação será utilizada em conjunto com outros instrumentos a fim de confrontar dados para melhor entendê-los.

A pesquisa participante é importante quando se tem a vertente qualitativa, pois “permite a interação do pesquisador com o fenômeno pesquisado, sendo esta a melhor maneira de verificar a ocorrência ou não de um fenômeno e de se aproximar da perspectiva dos indivíduos observados” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 57). Além de que esse tipo de observação auxilia no conhecimento do grupo a partir dele mesmo. Gil (2010) diz sobre esse tipo de observação:

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos, até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 2010, p. 103).

O local de pesquisa vem sendo observado desde o início do ano, porém, será mais pontual em relação ao tema da pesquisa em uma semana, de segunda a sexta, no horário integral da creche, com o objetivo de verificar questões da ludicidade acerca da sua rotina. Essa pesquisa vem sendo construída desde a primeira etapa do Projeto 3, no primeiro semestre de 2009, quando tive o primeiro contato com o tema. Assim sendo, a observação também vai além do tempo estabelecido para a coleta de dados para essa pesquisa, pois o lúdico no ambiente escolar vem sendo observado desde o segundo semestre de 2009, na segunda etapa do Projeto 3 e nas duas etapas do estágio, no segundo semestre de 2010 e no primeiro semestre de 2011.

A entrevista enquanto técnica de coleta de dados é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem e fazem, bem como de suas explicações para determinados fatos. Assim sendo, a "entrevista é uma forma de interação social, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação" (GIL, 2010, p. 109).

Como todas as técnicas de pesquisa, a entrevista tem suas vantagens e limitações. Gil (2010) elenca como vantagem a obtenção de dados em profundidade e de diversos aspectos a respeito do tema pesquisado, oferece maior flexibilidade, possibilita maior número de respostas, além de captar a expressão corporal do entrevistado assim como a tonalidade da voz e ênfase nas respostas. Entretanto, há também alguns pontos que o pesquisador deve se preocupar para que a entrevista não seja ineficaz, como a incompreensão dos significados das perguntas e a falta de motivação em respondê-las, a influência do contato pessoal de entrevistador e entrevistado e a influência das opiniões do entrevistador sobre as respostas do entrevistado.

Para esse trabalho monográfico será utilizada a entrevista pré-estruturada com duas professoras regentes de uma mesma turma de creche para a coleta de dados sobre sua prática enquanto docente de uma turma diferenciada das demais da escola pelo seu horário integral e por atender crianças tão pequenas. Serão analisadas também questões acerca da função social da creche, da rotina de sua turma, bem como a utilização de recursos lúdicos em suas aulas.

Considerando o tempo de pesquisa e a disponibilidade dos pesquisados, foi elaborado um questionário para coletar as opiniões dos pais a respeito da creche, da ludicidade e da rotina.

O questionário é uma técnica de pesquisa composto por diversas questões sobre um tema específico. E será a partir desse que as opiniões dos pais ou responsáveis dos alunos também serão consideradas, visto que é importante para essa pesquisa agregar o maior número de opiniões no que tange à creche e confrontá-las. Serão aplicados dezenove questionários para os pais de vinte alunos, visto que há irmãs gêmeas na turma. O questionário tem o objetivo de colher concepções sobre a finalidade da creche, a importância de sua rotina e o uso da ludicidade para o desenvolvimento das crianças.

Nesse questionário serão utilizadas questões abertas, ou seja, aquelas que não sugerem respostas, exigindo respostas espontâneas. Esse tipo de questionário não busca padronizar as respostas, pelo contrário, busca adquirir informações acerca do tema da pesquisa bem como do próprio entrevistado.

As hipóteses levantadas para esse estudo são:

- A ludicidade é uma proposta que promove espaço para a infância e para o desenvolvimento das crianças na rotina de creches;
- A rotina na creche promove a prática de seu currículo;
- O professor de creche que propõe atividades lúdicas está favorecendo o desenvolvimento integral da criança;
- A creche é uma instituição assistencialista na visão dos pais.

Tais hipóteses serão analisadas à luz dos instrumentos e do referencial de pesquisa utilizados.

3.2 Caracterização do local de pesquisa

Comecei a trabalhar nessa instituição de ensino em setembro de 2010, por motivo de aprovação em concurso público para o cargo de monitora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, sendo a minha primeira experiência profissional e já no ambiente educacional, o que me causou grande alegria. Porém, a experiência como docente foi ocasionada a partir da participação de atividades em uma sala de recursos de uma escola da SEEDF e do estágio obrigatório que foi cumprido em dois semestres em uma escola pública do Distrito Federal, em uma turma de Educação Infantil – Maternal 2 –, e em uma turma de Ensino Fundamental – 1º ano.

A pesquisa será realizada em uma escola pública situada em uma região administrativa do Distrito Federal. Em 1995, essa escola foi inaugurada para realizar atendimento integral às crianças e aos adolescentes, no centro da cidade de São Sebastião, porém a cidade foi crescendo e se desenvolvendo e não foi possível realizar esse atendimento. Para atender a demanda, a escola começou a funcionar em dois turnos e não no período integral como foi previsto.

A estrutura do colégio é ainda, uma construção provisória que deveria durar dez anos, porém já se passaram dezesseis anos e o prédio permanente nunca foi construído. Sendo assim, foram necessárias várias adaptações do espaço físico para atender a necessidade da comunidade, comprometendo, dessa forma, a qualidade do ensino. Não houve preocupação com a questão hidráulica e elétrica, nem com a acessibilidade. A quantidade de banheiros continua a mesma, sem reforma, colocando os alunos em situação de risco. Os banheiros do ginásio, que eram utilizados por toda comunidade, estão depredados e não são mais utilizados pelo corpo escolar. Parte da escola – área interna e externa – foi cedida para funcionamento da Diretoria Regional de Ensino (DRE), assim, houve superlotação das salas de aula. No campo de

futebol foram construídas salas de aula para atender a demanda de alunos do ensino médio de outra instituição, pois faltam escolas em São Sebastião.

A escola está localizada no centro da cidade, o que facilita o acesso dos alunos que moram nas quadras vizinhas. Alguns moram distante da escola e usam o transporte público ou particular para se deslocarem. A escola fica próxima de paradas de ônibus e próximo a todo e qualquer tipo de comércio; a bancos, a corpo de bombeiros, a delegacia, a companhia da polícia militar, a correio, a farmácias, a postos de gasolina e a posto de saúde.

Atualmente, a instituição atende crianças, jovens e adultos em três períodos: matutino, vespertino e noturno. O número de turmas a cada ano varia entre 76 e 78, onde são distribuídos 2.200 alunos, dos quais os professores regentes são recém-contratados ou de contrato temporário.

O quadro de funcionários não é suficiente para atender a demanda do serviço, impossibilitando a qualidade do trabalho pedagógico dentro da escola. O quadro de lavanderia, monitores e merendeiros é da SEEDF, já o de conservação e limpeza, bem como de vigilância e portaria são terceirizados.

Com relação ao espaço físico, a escola perdeu estacionamento e campo de futebol, além de várias salas administrativas para a construção de salas de aula. Foi construído na área de recreação um prédio para atender a demanda do Ensino Médio, o qual a escola já não atende. Muitos espaços foram readaptados para atender às demandas enquanto não se constrói mais escolas na cidade. Desde sua inauguração, a escola não sofreu nenhuma reforma apenas a troca do telhado. Toda a estrutura do ginásio está comprometida. A estrutura hidráulica e elétrica tem causado vários problemas e, muitas vezes, afeta o andamento das atividades pedagógicas. Com a verba descentralizada são feitos pequenos reparos que não atendem a real necessidade.

No diurno, a escola atende à primeira etapa da Educação Básica – que é a Educação Infantil e Ensino Fundamental – do primeiro ao quinto ano, além da Educação Especial pelo programa de Estimulação Precoce, o turno matutino inicia-se às 07h15min e termina às 12h15min e o vespertino é das 13 às 18 horas. Já no turno noturno é atendida pela escola a Educação de Jovens e

Adultos (EJA). A creche é a exceção da escola, pois é a única classe que é em horário integral. Dessa forma, o horário de aula é compreendido entre as 7h15min até às 17h30min.

Em relação à proposta pedagógica da escola, essa foi elaborada coletivamente, baseando-se na Constituição Brasileira de 1988 principalmente no Art. 205 o qual diz que “A Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a elaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). como também, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, que prescreve em seu Art. 12: “Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: (inciso I) elaborar e executar sua proposta pedagógica, (inciso III) assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas aula estabelecidas e (inciso VI) articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola” (BRASIL, 1996). Também foi baseada no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e o disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998)

Os objetivos expressos no Projeto Político-Pedagógico da escola têm como princípio norteador promover a construção de uma prática transformadora visando a melhoria da qualidade do ensino oferecido pela escola através da valorização, democratização das decisões com a comunidade escolar em busca da cidadania. Dessa forma, são ramificados outros objetivos, tais como: Possibilitar aos alunos atividades que desenvolvam o processo criativo com vistas nas suas vivências e seus interesses; Integrar os diversos segmentos da comunidade escolar; Criar mecanismo que aprimorem a democratização da escola nos aspectos administrativos, pedagógicos e financeiros; Criar formas de dinamização do desempenho e relacionamento profissional; Possibilitar condições estruturais à acessibilidade que proporcionem o desenvolvimento pleno e harmonioso da criança; Gerenciar os recursos para o funcionamento da escola e do trabalho em sala de aula e; Promover o bem estar da criança, seu desenvolvimento físico, motor, emocional, intelectual, moral e social.

No Projeto Político-Pedagógico não são apresentados projetos realizados pela escola, porém há uma descrição de metas, de estratégias e de parcerias conquistadas pela mesma que, de certa forma, auxiliam na transmissão dos conteúdos. Essas parcerias têm em vista ações como cursos de capacitação para professores, palestras para pais e professores, aulas de basquete para a comunidade escolar, orientação para o cultivo e plantio de hortas. Todas essas parcerias têm como objetivo a interação da comunidade escolar (professores, pais, alunos, direção) a fim de unir forças para o desenvolvimento psico-cognitivo-emocional dos alunos e dos agentes escolares, assim como também dos pais e responsáveis.

A pesquisa foi realizada na creche, na turma do Maternal 2 A, que atende a crianças de três e quatro anos. Esta é composta por vinte crianças, sendo nove meninos e onze meninas, e todas são moradores nas proximidades da escola. Há três turmas de creche nessa escola: uma com crianças de dois anos e duas com crianças de três anos. As turmas da creche nessa escola são compostas por duas professoras – que revezam nos dois turnos e são responsáveis pela parte pedagógica dos alunos com atividades que desenvolvam a psicomotricidade, o cognitivo e a afetividade – e três monitores que têm como função principal preservar a higiene, o cuidado, a disciplina e a alimentação das crianças.

Em geral, a turma pesquisada é participativa no desenvolvimento das atividades e muito agitada, fato comum à faixa etária. Os momentos de excesso são atribuídos às necessidades das crianças em se movimentar fisicamente e em se comunicar com as demais crianças e adultos no seu meio. Essa turma é conhecida pela direção como a *turma problema*, por haver grande número de reclamação dos pais no sentido de não haver aula, sair mais cedo, entre outras.

As crianças permanecem na escola dez horas diariamente, em horário integral. A entrada é às 7h15 e a saída é às 17h30. Nesse período, revezam-se as professoras e os monitores. A professora do matutino permanece em sala de aula das 7h15min às 12h15min e a professora do vespertino entra em sala às 13 horas e permanece até às 18 horas. E o horário dos monitores é

intercalado: o primeiro monitor permanece em sala de aula das 7 horas às 16 horas; o segundo das 8 horas às 17 horas; e o terceiro das 9 horas às 18 horas, considerando que há uma hora de almoço na metade do turno. Assim sendo, em geral, a rotina da turma Maternal 2 A é a seguinte:

7h: Chegada do primeiro monitor – nesse momento é feita a preparação da sala de aula para receber as crianças, como a limpeza das garrafinhas e a busca das toalhas e lençóis a serem utilizados durante o dia.

7h15min: Chegada das crianças e acolhimento; Entrada da professora do turno matutino – enquanto as crianças vão chegando, a professora atende os pais na porta da sala e as crianças tiram as agendas de dentro da mochila, após todas as crianças chegarem normalmente a professora canta alguma música com as crianças ou preenche o calendário.

7h30min: Café da manhã – as crianças são levadas ao refeitório para a refeição, que normalmente é leite com biscoito. Em geral, essa é a primeira refeição do dia dos alunos, pois muitos não tomam café-da-manhã em casa. Somente uma criança é autorizada a levar lanche para a escola por ter alergia a muitos alimentos.

8h: Atividades diversas planejadas pela professora; Entrada do segundo monitor – as atividades são diversas e variam de brincadeiras livres a filmes, manuseio de livros, recorte de revistas ou até mesmo atividades de pintura de figuras com tinta guache feitas individualmente com os alunos e com ajuda da professora.

9h: Entrada do terceiro monitor

9h45min: Colação (lanche leve) – as crianças são levadas ao refeitório, esse lanche varia entre frutas, vitaminas ou mingau. Porém, há dias que não há essa refeição.

10h: Banho – o banho é dado por uma monitora, enquanto outro monitor tira as roupas das crianças e a outra monitora veste. A professora da manhã não participa.

11h15min: Almoço das crianças; Horário de almoço do primeiro monitor – o primeiro monitor se ausenta e as crianças são levadas ao refeitório pela professora e pelos outros dois monitores. O almoço normalmente é composto de arroz, feijão e carne ou frango e sempre há um tipo de salada.

11h45min: Escovação dos dentes – as crianças escovam os dentes sozinhas, mas fica uma monitora no banheiro supervisionando e organizando os alunos para também fazer xixi antes de dormir.

12h: Sono – todas as crianças dormem juntas em cinco colchões espalhados na sala de aula. Os dois monitores permanecem com as crianças para fazê-las dormir. A professora do matutino raramente auxilia nesse momento.

12h15min: Saída da professora do turno matutino; Chegada do almoço do primeiro monitor e horário de almoço do segundo monitor.

13h: Entrada da professora do turno vespertino.

13h15min: Chegada do almoço do segundo monitor e horário de almoço do terceiro monitor – nesse horário, as crianças começam a acordar e a professora às vezes distribui quebra-cabeças ou massinha de modelar para entreter as crianças e, às vezes retira as crianças acordadas de sala e as leva ao pátio da escola com brinquedos.

14h15min: Chegada do almoço do terceiro monitor.

14h30min: Fim do sono; Lanche – as crianças que ainda dormem são acordadas e todas são levadas ao refeitório com a companhia dos três monitores e da professora.

15h: Banho – uma monitora fica no banheiro dando banho nas crianças, outra monitora tira a roupa, a professora regente costuma ajudar a vestir as roupas e o monitor auxilia as crianças a calçar os tênis ou sandálias. Enquanto algumas crianças tomam banho, outras assistem a algum filme que a professora sugere.

16h: Atividades diversas planejadas pela professora; Saída do primeiro monitor – normalmente, a professora leva as crianças ao pátio com bolas ou brinquedos escolhidos por elas para brincar livremente.

16h20min: Jantar – as crianças são levadas ao refeitório para a última refeição na escola que, em geral, é sopa.

16h40min: Atividades diversas planejadas pela professora (brincadeiras livres, filmes, atividades em grupo) – essas atividades são variadas, há dias que as crianças assistem filmes, há dias que são levadas de volta ao pátio para brincar, outros dias a professora distribui massinhas, quebra-cabeças ou alinhavos, há dias que são feitas atividades em grupos de colagem ou de pintura.

17h: Saída do segundo monitor

17h30: Saída das crianças – os pais buscam as crianças na porta da sala de aula.

18h: Saída do terceiro monitor e da professora do vespertino.

Na rotina diária dessa turma, são observados momentos que os monitores permanecem sem a companhia de um docente, como é o caso da hora do sono, em que das 12h15min às 13horas não há professor em sala de aula. Também é notável que somente sete horas diárias, sem considerar o horário de almoço, há os três monitores juntos com as crianças, contradizendo a Portaria nº 84 de 23 de abril de 2010, que diz:

“A distribuição dos Técnicos de Gestão Educacional/Monitor nas instituições educacionais que atendam crianças em idade de 0 a 3 anos (creche) será na proporção de 01 (um) Monitor para um conjunto de 06 (seis) a 08 (oito) alunos” (SEEDF, 2010).

Dessa forma, a primeira hora e a última hora de funcionamento da creche há somente um monitor para vinte alunos, o que compromete o trabalho do docente e o bem estar das crianças.

A sala de aula destinada à essa turma de creche é um local amplo e possui quatro mesas baixas, vinte cadeiras pequenas, um ventilador e três janelas grandes, o que torna agradável o clima do ambiente. A iluminação da sala de aula é adequada, apesar de haver algumas lâmpadas quebradas. O

espaço da sala é dividido com outra sala de aula e com o banheiro no meio para atender as crianças de ambas as turmas. Na sala de aula há uma estante que armazena as caixas de brinquedos, um armário particular das professoras, um armário onde são guardados materiais de uso das crianças (como massinhas, lápis de cor, giz de cera, tesoura, cola, entre outros), um espelho grande e baixo na altura das crianças, duas prateleiras altas onde são colocadas as garrafinhas de água dos alunos, livros didáticos que são utilizados para recorte, uma caixa com sobras de biscoitos, além de servir como lugar para guardar objetos das crianças como forma de punição, pois essas não alcançam as prateleiras. Com exceção das mesas e cadeiras, todo o mobiliário é alto para a altura das crianças.

As atividades realizadas pelas professoras são, em geral no espaço da sala de aula, porém algumas vezes essas são realizadas no lado de fora e em um espaço que não é utilizado pela escola, onde há somente um bebedor. Dessa forma, o local contribui para que as aulas ocorressem de forma satisfatória, mesmo com a dificuldade de encontrar um local adequado para algumas atividades. As refeições são feitas no refeitório destinado somente à creche. Este possui três grandes mesas e seis bancos na altura das crianças. Na escola há um parquinho destinado às crianças das outras turmas de Educação Infantil – primeiro e segundo períodos – e um parquinho menor para as turmas da creche. Porém, nesse parquinho não há nenhum brinquedo, pois a casinha que existia estava com a estrutura comprometida e era inadequada para as crianças. Essa foi retirada, sobrando somente um grande cercado de areia.

3.3 A pesquisa

Apesar de atuar na escola há mais de um ano e conhecer e observar a turma a ser pesquisada durante todo o ano, foi estabelecido o período para a produção de informação e materiais para a pesquisa.

As observações foram realizadas durante todo o ano letivo, porém com ênfase maior no tema da pesquisa no segundo semestre de 2011. Assim

sendo, houve uma observação mais direcionada e efetiva para construção das informações da pesquisa nesse tempo. Durante esse período foi possível refletir sobre as ações pedagógicas e as intervenções lúdicas na rotina da creche.

A sequência de atividades realizadas nesses dias, em geral, foi a mesma. A rotina da turma foi seguida normalmente. Serão detalhadas a seguir as atividades observadas de três dias escolhidos aleatoriamente, no segundo semestre de 2011, como forma de ilustrar toda observação realizada.

Primeiro dia:

No início da manhã, os pais deixaram seus filhos na sala com a professora e a monitora. Às 9 horas, horário que eu chego à sala de aula, as crianças estavam manuseando livros didáticos de língua portuguesa da 4ª série, 3º ano. Livros que estão recortados, amassados, rasgados, em péssimo estado. Após dez minutos da minha chegada, essa atividade já não prendia tanto a atenção das crianças, pois já havia algum tempo que estavam olhando os livros, então, as crianças reagiram empurrando os livros uns aos outros e pegando brinquedos na caixa. A professora então pediu que eu recolhesse os livros e levasse as crianças para brincar na parte de trás da sala.

As crianças, então, foram levadas para brincar na área externa da sala que possui seis velotróis e um escorregador para vinte crianças, ambos deprecados. As crianças ficaram todo o tempo sob a supervisão dos monitores, pois a professora disse-nos que ia à secretaria buscar o diário da turma. Ao chegar a fruta da colação, lavamos as mãos das crianças e estas sentaram no chão para comer o mamão. Trinta minutos depois, a professora chegou e as crianças continuaram brincando onde estavam supervisionadas apenas pelos monitores, com o diferencial que a professora chamava um aluno por vez à sala de aula para fazer uma atividade individualmente e com a sua ajuda.

Quarenta minutos mais tarde, as crianças voltaram à sala para assistir ao filme *Coraline*. Enquanto isso, os monitores trocavam os tênis por chinelos e lavavam as mãos das crianças e a professora continuava a realizar atividades

individualmente com os alunos. Essas atividades consistiam em pintar com tinta guache figuras que tinham as vogais como iniciais.

Às onze horas, após trinta minutos assistindo ao filme, as crianças foram levadas ao refeitório para almoçar. Assim, a professora finalizou as atividades e acompanhou a turma. Após terminar o almoço foi dada água para as crianças em suas garrafinhas de uso pessoal. À medida que terminavam de beber água, as crianças eram levadas ao banheiro da sala para escovar os dentes com a supervisão de uma monitora. Assim, ao terminar a limpeza dental, as crianças foram colocadas pelos monitores para dormir. A professora não ajudou nesse momento, ficou organizando seu armário.

Às 12h15min todas as crianças presentes dormiam. Nesse dia, quinze crianças. A professora do turno matutino foi embora, pois acabara o seu horário e às 13horas a professora do turno vespertino chegou à sala de aula. No período entre 12h15min e 13horas as crianças ficaram sob a supervisão de dois monitores, pois esse é o horário de almoço de um deles.

O horário estipulado pela professora para acordar as crianças é às 14 horas. Porém, às 13h45min algumas crianças já estavam despertadas, assim, a professora entregou quebra-cabeça para distraí-las enquanto as outras crianças ainda dormiam. Às 14h30min, as crianças que ainda dormiam foram acordadas e levadas ao refeitório para o lanche da tarde. Ao terminar o lanche, às 15horas, foi iniciado o banho. Duas monitoras ficaram dentro do banheiro dando o banho e vestindo as roupas e o outro monitor ficou em sala de aula junto com a professora calçando os sapatos e passando hidratante nas crianças. No horário do banho, foi colocado novamente o filme *Coraline* enquanto as crianças são arrumadas.

Após todas as crianças estarem limpas e arrumadas, a professora regente levou-as ao pátio para brincar, juntamente com a caixa de brinquedos. Porém, algumas crianças preferem ficar em sala assistindo ao filme.

Depois de quarenta e cinco minutos, as crianças voltaram à sala de aula para higienizar as mãos com álcool em gel para jantar. Assim, as crianças foram levadas ao refeitório e depois à sala do maternal 1 para assistir filme

com a turma de crianças de dois anos. As professoras das duas turmas pediram na cantina para estourar pipoca para os alunos e assistiram ao filme *Casa Monstro*.

Às 17horas, a turma voltou à sala e foi dada massinha para as crianças. Enquanto isso foi colocado um episódio do seriado *Barney*, que as crianças gostam. Quinze minutos depois, os pais começaram a chegar para buscar seus filhos.

Segundo dia:

Às 9 horas, quando cheguei à sala de aula, as crianças brincavam de *Lego*, porém a brincadeira já estava desinteressante, pois as crianças estavam jogando as peças no chão e pegando outros brinquedos. Dez minutos mais tarde, a professora pediu que recolhessem os *Legos* e distribuíssem revistas para as crianças folhearem. Estas revistas são utilizadas para recorte de figuras e letras para as atividades, são velhas e, em geral, são de notícias, como *Veja* e *Época*. Após pouco tempo, as revistas também ficaram desinteressante, pois as crianças já conhecem as figuras de cor por manusearem as mesmas revistas desde o início do ano.

Assim, às 9h30min foi colocado o filme *Tarzan*. Vinte minutos mais tarde, chegou a fruta da colação que era maçã. Foi passado álcool em gel nas mãos das crianças e distribuídas as frutas, enquanto continuavam a assistir ao filme. Ao mesmo tempo, as crianças assistiam ao filme, a professora regente realizava atividades individuais com os alunos, sobre o número cinco.

Às 10h15min, as crianças já não prestavam mais atenção ao filme, pegavam brinquedos e corriam pela sala. Observando isso, a professora pediu que mudasse o filme para os alunos permanecerem sentados. O filme escolhido foi *Os incríveis*. Entretanto, mesmo assim, algumas crianças não prestaram atenção e continuaram dispersos, enquanto a professora finalizava as atividades e começava a organizar as prateleiras de revistas no canto da sala.

Como as crianças, mais uma vez, não ficavam sentadas como a professora desejava, mudou-se novamente o filme, dessa vez pelo episódio do

Barney. As crianças ficaram sentadas para assistir, pois gostam bastante, o que motivou a professora a voltar a executar as atividades individuais com as crianças.

Às 11h15min, a turma foi levada pela professora ao refeitório para almoçar. Assim, à medida que as crianças iam terminando, eram levadas de volta à sala de aula para escovar os dentes sob a supervisão e ajuda de uma monitora. Depois de todas as crianças escovarem os dentes, foram colocadas para dormir. A professora regente não ajudou os monitores nesse momento, ficou arrumando seus pertences e, de vez em quando, chamava a atenção de um ou outro aluno.

A professora regente foi embora no término de seu horário, às 12h15min e, com dois monitores, somente às 12h40min foi possível observar que todas as crianças estavam dormindo – nesse dia, dezesseis crianças.

Às 13 horas a professora do vespertino chegou à sala e as crianças começaram a acordar às 14 horas. À medida que iam acordando, a professora ia distribuindo um molde de uma boneca no papel para que as crianças colassem o cabelo de lã preta. A boneca representava a *Menina bonita do laço de fita*, cuja história estava sendo trabalhada há alguns dias. Ao chegar o horário do lanche, às 14h30min, a atividade foi finalizada para que as crianças pudessem seguir ao refeitório.

Ao terminar de lanchar, às 15 horas, foi começado o banho que durou uma hora. Duas monitoras permaneceram dentro do banheiro dando o banho e vestindo as roupas e o monitor e a professora regente ficaram em sala calçando os sapatos, penteando os cabelos e passando hidratante. Enquanto isso foi colocado o filme *Casa Monstro* para as crianças assistirem e permanecerem sentadas no horário do banho.

Após todas as crianças estarem higienizadas, a professora levou as crianças ao pátio para brincarem de bola. Lá a docente dava ordens e direcionava a brincadeira como jogar a bola para o colega, jogar a bola para cima, jogar a bola no chão. Não foram todas as crianças que participaram dessa atividade, até porque não há bolas suficientes para toda a turma, mas as

crianças que ficaram brincando com a professora se divertiram e aprenderam brincando conceitos simples como embaixo, em cima, na frente, atrás, entre outros, além de promover a interação com o grupo. Diante dessa atividade, observei que o docente que propõe atividades lúdicas favorece o desenvolvimento integral da criança.

Às 16h30min, as crianças foram levadas de volta à sala de aula para passar álcool em gel nas mãos para jantar. Assim, as crianças foram levadas ao refeitório e, em seguida, voltaram à sala de aula. A professora regente colou fita adesiva no chão da sala em forma de círculo e brincou com os alunos de pular dentro e fora. Durante essa atividade, algumas crianças não participaram porque não quiseram e a docente não chamou a atenção, deixou que estas ficassem livres na sala para fazer o que queriam. Entretanto, isso dificultou o andamento da brincadeira, pois cada minuto que passava mais crianças abandonavam a professora e procuravam outras atividades.

Assim, a docente pediu que os alunos guardassem os brinquedos que estavam em mãos e distribuiu massinha. As crianças, permaneceram brincando até a hora que seus pais chegaram para buscá-las.

Terceiro dia:

Em mais um dia de observação, quando eu cheguei à escola às 9 horas, as crianças do Maternal 2A estavam no parquinho de areia. Fui até a sala de aula deixar meus pertences em meu armário e encontrei a professora regente escrevendo “Bom fim de semana” nas agendas das crianças, era uma sexta-feira.

Fui ao parquinho e as crianças estavam brincando dentro do cercado de areia enquanto os outros monitores permaneceram sentados em cadeiras do lado de fora do parquinho conversando. De vez em quando, uma criança pedia para ir ao banheiro ou beber água, e um monitor a levava até a sala. Os alunos brincaram no parquinho em média 1 hora e meia, quando foram levados pelos monitores de volta à sala de aula para tomar banho.

Enquanto algumas crianças tomavam banho, outras assistiam ao filme *Toy Story 3* e a professora aproveitava para realizar atividades com os alunos que haviam faltado nos dias anteriores.

Nesse dia, havia dezoito crianças. Após terminar o banho de todas, foram levadas pela professora e os monitores ao refeitório para o almoço. Ao terminar de almoçar, foi dada às crianças água e levadas ao banheiro da sala para escovar os dentes. Assim, às 12 horas as crianças foram colocadas para dormir pelos monitores e com ajuda da professora até às 12h15min, término do horário da docente.

Às 12h30min todas as crianças estavam dormindo e às 13 horas a professora do vespertino chegou à sala de aula. As crianças começaram a acordar às 14 horas e foi dada massinha a essas para que ficassem quietas e não acordassem as outras que ainda dormiam.

Às 14h30min, todas as crianças foram levadas ao refeitório para o lanche da tarde e em seguida voltaram à sala de aula para o banho, que durou 1h20min. As duas monitoras ficaram dentro do banheiro dando banho e vestindo as roupas e a professora ajudava o monitor a calçar os sapatos e passar hidratante, enquanto isso, as crianças brincavam dentro da sala de aula com os brinquedos da caixa.

Ao terminar de arrumá-las, o jantar já estava servido no refeitório. Então, as crianças foram levadas para lá e jantaram. Quando terminaram, a professora pediu que colocassem o escorregador e os velotróis que ficam na área atrás da sala no pátio para as crianças brincarem, o que foi feito. Assim, os alunos brincaram até a hora que seus pais chegaram para buscá-los.

Diante das observações descritas e realizadas durante todo o ano letivo, pode-se considerar que as atividades da creche giram em torno das refeições e dos horários de higienização das crianças. As atividades planejadas e realizadas pelas professoras são feitas nos intervalos desses momentos.

Tendo em vista a necessidade de conhecer a opinião das docentes com relação ao tema da pesquisa, foi elaborada uma entrevista pré-estruturada. Assim, as entrevistas com as professoras regentes foram realizadas na tarde

do dia 8 de novembro de 2011 de forma individual. Foi combinado o horário da entrevista e explicados os objetivos da pesquisa no dia anterior.

A primeira entrevista foi feita com a professora regente do turno vespertino que nesta pesquisa será denominada Professora Violeta. Essa entrevista foi feita no espaço atrás da sala de aula, enquanto os alunos dormiam – no meu horário de almoço e logo que a professora chegou à sala de aula –, assim, as crianças ficaram sob a supervisão dos outros dois monitores.

A segunda entrevista com a professora denominada Margarida, do turno matutino, foi feita na sala dos professores em seu horário de coordenação, no mesmo dia.

O áudio das entrevistas foi gravado. Porém não ficou com boa qualidade, pois no momento da primeira entrevista que foi feita atrás da sala de aula, estava chovendo e não havia possibilidade de utilizar outro espaço. Na segunda entrevista, a professora se recusou a gravar a entrevista na biblioteca que é ao lado da sala dos professores, preferiu permanecer onde estava, o que dificultou a gravação, pois havia muita conversa no local.

Para esta pesquisa é importante também conhecer as concepções dos pais a respeito da função da creche e a influência desta no desenvolvimento de seus filhos. A entrevista possibilita maior número de detalhes e exemplos sobre determinado tema, mas realizar com os dezenove pais dos vinte alunos seria inviável visto que não há tempo disponível para tal. Dessa forma, foi elaborado um questionário com nove perguntas e enviado aos pais para que suas opiniões fossem conhecidas e analisadas nesta pesquisa.

Os questionários foram aplicados aos pais dos alunos, juntamente com a carta de recomendação e foi explicado para cada pai individualmente os objetivos da pesquisa e que não há nenhuma ligação com a escola.

Foram distribuídos dezenove questionários, pois há alunas que são irmãs gêmeas na turma. No dia 8 de novembro, foram entregues quinze questionários e no dia seguinte recebi quatro. Nesse mesmo dia, enviei três questionários, para os pais dos alunos que haviam faltado no dia anterior. No dia 10 de novembro, recebi mais cinco questionários e enviei um que ainda

faltava. No dia seguinte recebi mais três, porém um estava em branco. E, no dia 16 de novembro foram recebidos mais três questionários. Assim, totalizam-se dezenove questionários entregues aos pais e quatorze devolvidos respondidos. Portanto, as análises serão feitas a partir dos quatorze questionários respondidos pelos pais dos alunos, da transcrição das entrevistas e das observações realizadas durante todo o período letivo.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS

A organização desta análise de dados se constitui de três divisões. Primeiramente são analisadas as entrevistas das professoras regentes de acordo com cada pergunta realizada. Posteriormente, serão analisados os questionários entregues aos pais dos alunos. E, por fim, serão sistematizados os dados coletados nas observações e interpretados à luz dos conhecimentos adquiridos nessa pesquisa e anterior a essa. Segundo Gil (2010, p. 156):

A análise tem como objetivo organizar e sumarizar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Assim sendo, a análise se limitará aos dados coletados durante a pesquisa e serão interpretados de acordo com os conhecimentos teóricos e práticos previamente adquiridos.

4.1 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas na tarde do dia 8 de novembro de 2011, individualmente. Foram entrevistadas duas professoras, ambas da turma de creche Maternal 2A. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

A primeira professora será chamada neste trabalho pelo nome de Violeta e foi entrevistada no espaço atrás da sala de aula enquanto as crianças dormiam. Essa é professora do turno vespertino e trabalha como docente há oito anos, sendo que seis é na Secretaria de Estado de Educação – nos outros dois anos trabalhou em instituições privadas. Nesses oito anos de docência, cinco são dedicados à Educação Infantil e este é o primeiro ano que assume uma turma de creche.

Violeta não é concursada, é contratada temporariamente pelo Governo do Distrito Federal para substituir professores efetivos que entram de atestado

ou de licenças. Entretanto, como há muita carência de professores na rede de ensino, são chamados para assumir turmas os professores de contrato temporário. Esta professora é formada em Pedagogia, com habilitação em orientação e supervisão e tem pós-graduação em psicopedagogia. Declara que, em sua graduação, estudou assuntos referentes à Educação Infantil e à ludicidade.

A segunda professora, que neste trabalho será chamada Margarida, foi entrevistada em seu horário de coordenação na sala dos professores. Essa professora trabalha como docente há trinta e seis anos, sendo que onze são dedicados à Educação Infantil e sete à creche.

Margarida é concursada há dez anos e, antes de ser professora da SEE/DF, trabalhava como professora estadual na cidade em que mora, Unai – MG. Sua formação é no Normal Superior e tem pós-graduação em Educação Infantil. Afirma ter escolhido a Educação Infantil para fazer a pós-graduação por esse conteúdo ter sido muito escasso em sua formação, pois era um tipo de formação diferente que estava sendo iniciada no ano em que foi feita por ela.

A seguir são analisadas as respostas das professoras com base nos objetivos das questões da entrevista:

- *Função do docente na creche*

Tanto para a professora Violeta como para a Margarida, a função do docente na creche é de educar as crianças. Mas há uma falta de compreensão sobre o trabalho do docente na creche para a professora Violeta que afirma se confundir muito sobre seu trabalho, por haver atividades tão distintas entre uma turma de creche e as outras turmas de Educação Infantil e diz: *“a gente se confunde muito sobre o que é ser professora na creche, é muito difícil, a professora não sabe muito bem o que tem que fazer porque é muito diferente dos outros anos da Educação Infantil”* (consultar apêndice).

Ao demonstrar essa incompreensão sobre o trabalho do docente na creche, pode-se perceber que há vestígios da creche enquanto instituição da assistência social, onde não era necessária a presença de um professor, pois as atividades eram basicamente de cuidado. Oliveira (1992) diz que os

educadores da creche ficam tão preocupados com lanche, banho, mães que, muitas vezes não refletem sobre seu trabalho pedagógico o que resulta, conseqüentemente, no não esclarecimento sobre o seu papel como docente.

- *Função da creche*

Para as professoras, a creche funciona como o primeiro lugar de socialização das crianças fora da família e é nesse lugar que são iniciados os primeiros ensinamentos fora do seio familiar. *“É o espaço que as crianças possuem para serem preparadas para a vida em sociedade”*, como afirma a professora Margarida. E é nesse mesmo sentido que o RCNEI (BRASIL, 1998) confirma que as instituições de Educação Infantil se constituem em espaços de socialização, pois propiciam o contato com diferentes crianças e adultos, inclusive com a creche.

As duas professoras compartilham a opinião de que a criança que frequenta a creche fica mais preparada socialmente para a inserção nos anos seguintes da Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Mas a professora Margarida acredita que, cognitivamente, não faz muita diferença e diz que *“a creche prepara para a vida em sociedade, mas os conteúdos mesmo, saber contar, aprender as letras, eles (as crianças) só serão obrigados a aprender nos períodos, mas nada impede que a gente ensine alguma coisa”*.

- *Cuidar e educar*

As professoras acreditam que os termos cuidar e educar se completam e que em uma instituição como a creche, onde as crianças que frequentam são muito pequenas e ainda não têm habilidade para desenvolver tais ações, é necessário que haja as duas funções e que estas sejam interligadas.

Entretanto, as opiniões das professoras divergem sobre a função do professor quanto ao cuidar e educar. A professora Margarida deixa claro que há as funções pedagógicas, que são suas, e as funções de higiene e alimentação, que são dos monitores: *“a minha função é educar com as atividades, a imposição de limites, mas o cuidado é com os monitores que têm que dar banho. As funções não podem se misturar, mas elas se complementam”*. E a professora Violeta deixa explicitado que gosta de ajudar

nos cuidados de higiene e alimentação das crianças e que acredita que, são nesses momentos que há maior aproximação entre a criança e o adulto: *“Eu gosto de dar banho, eu gosto de pentear o cabelo, gosto de trocar a roupa porque aí eu vou estar socializando com eles (alunos), vou estar conversando e às vezes vários problemas que acontecem em casa ou na sala eu tomo conhecimento nesses momentos”*.

O RCNEI (BRASIL, 1998) afirma que para “educar deve-se propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal” e diz ainda que “para educar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro e com sua singularidade, disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado”. Portanto, no primeiro momento, a professora Margarida afirma que não acredita que há distinção entre cuidar e educar, mas na fala seguinte deixa explícito que acredita que há distinção entre os significados e que o seu papel é de ser somente professora e de não se envolver afetivamente com os alunos.

- *Organização das atividades*

As duas professoras citam o currículo da Educação Infantil, o RCNEI (BRASIL, 1998), como ponto inicial para o planejamento das atividades. E afirmam que há diversas atividades que são planejadas e não são possíveis de executá-las principalmente, pela agitação das crianças.

A professora Margarida diz que quando não consegue desenvolver a atividade planejada, recorre à caixa de brinquedos ou a algum filme para ocupar as crianças, deixando claro que a ludicidade é utilizada como forma de passatempo em suas aulas: *“quando eu já chego e não dá certo, eu já tenho outra coisa pensada que posso fazer com eles, normalmente é um tempo a mais com os brinquedos ou o filme que eles querem assistir no dia”*.

Já a professora Violeta afirma ter sempre um plano B para o caso de não conseguir atingir o objetivo planejado, mas não especificou que plano é esse, disse apenas: *“quando eu percebo que eles estão muito agitados eu falo ‘pode dar brinquedo’, porque não adianta insistir, não dá certo”*.

Dessa forma, as duas professoras afirmam que recorrem aos brinquedos nos momentos que seus planejamentos não ocorrem de maneira prevista. Porém, o que foi percebido durante as observações é que já faz parte da rotina da turma brincar em certos momentos do dia, assim como é rotina para as professoras utilizar esse segundo plano em suas aulas.

Nesse sentido, a ludicidade é percebida como o caminho mais cômodo para manter as crianças ocupadas, quando, segundo Moyles (2002, p. 37) “o papel mais importante do professor é quando ele deve diagnosticar através das brincadeiras o que a criança aprendeu – o papel de observador e avaliador”. Ou seja, é importante que haja brincadeiras livres para contribuir no desenvolvimento das crianças, mas é importante também que haja um direcionamento das brincadeiras no sentido de intensificar o desenvolvimento integral das crianças.

- *A rotina da turma*

As duas professoras afirmam que há rotina em sua turma, porém é uma rotina aberta capaz de atender às necessidades e às diversidades do dia-a-dia. A professora Margarida diz que algumas atividades são realizadas todos os dias, mas nem sempre no mesmo horário: *“Há uma rotina de atividades que são trabalhadas todos os dias, mas não sigo os mesmos horários. Faço as mesmas atividades, só que em horários diferentes”*, já a professora Violeta diz que as atividades que planeja tem que obedecer a rotina da turma e são realizadas nos intervalos das alimentações e dos momentos de higiene: *“tem o horário do banho, do lanche, do sono que tem que ser respeitado e não tem como você fazer nenhuma atividade com eles nesses momentos. Tem a rotina que tem que ser cumprida e quando não estão fazendo nada que a gente pode fazer alguma coisa com eles”*.

Assim, as professoras percebem a rotina de maneira diferenciada. A professora Violeta restringe aos cuidados básicos e a professora Margarida às suas atividades diárias. Barbosa (2006) diz que “a rotina pedagógica é um elemento estruturante da organização institucional e de normatização da subjetividade das crianças e dos adultos que frequentam os espaços coletivos de cuidados e educação”. Assim, tudo o que é feito na sala de aula da creche

faz parte da rotina da turma, que deveria ser compreendida não como uma camisa-de-força, mas como um direcionamento das atividades a serem cumpridas no dia para que todos os aspectos das crianças sejam desenvolvidos de forma integral.

As professoras também divergem quanto à elaboração da rotina cumprida. A professora Margarida afirma que é ela quem elabora as rotinas diárias de sua turma: *“tem dia que eu chego na sala e resolvo cantar antes de fazer o calendário, outro dia eu quero ler o alfabeto, depende, quando eu chego na sala é que eu resolvo a rotina daquele dia”*. E afirmou também que tudo o que faz em sala de aula está previsto no RCNEI (BRASIL, 1998): *“a rotina, as atividades, as brincadeiras, tudo vem do currículo”*.

Já a professora Violeta diz que foi feita no início do ano uma reunião com as professoras da creche e com a supervisora para a elaboração da rotina a ser cumprida: *“teve uma reunião com as seis professoras da creche, que a gente sentou no começo do ano, montamos uma rotina conforme a necessidade deles, o horário, o banho, o horário de lanche, essas coisas. (...) Aí depois a gente passou para a supervisora e aí a supervisora analisou e viu o que estava certo o que estava errado, o que era conveniente e o que não era, fez algumas mudanças”*. A professora Violeta disse também que o RCNEI (BRASIL, 1998) foi o ponto de partida para a elaboração da rotina.

Segundo Barbosa (2006), as rotinas devem ser estabelecidas pelos responsáveis pela Educação Infantil, pois são os sujeitos que mais têm conhecimento sobre as necessidades da sua turma. E afirma também que essas rotinas estabelecidas não devem ser engessadas e livres de inovações já que devem atender a todos os sujeitos envolvidos no processo de educação e a todas as situações que, por ventura possam surgir. Assim, o currículo será contemplado na rotina da turma da creche e trabalhado conforme as necessidades dos alunos.

- *Recursos lúdicos na creche*

As professoras não explicitam o conceito de recursos lúdicos que são objetos utilizados para promover o prazer da criança pelo brincar enquanto

desenvolver o sujeito de forma integral e sim, exemplificam-os. A professora Violeta diz: *“recursos lúdicos eu acho que é tudo aquilo que a gente trabalha com os meninos, que eles podem brincar com jogos, televisão, vídeo, os brinquedos, acho que tudo isso é recurso”*. E a professora Margarida diz *“recursos lúdicos são quebra-cabeças, jogos, brincadeiras de roda, brinquedos variados, corda, bola, cantigas, danças, fantoches, tudo isso é recurso”*.

As duas professoras também afirmam entender a importância desses na educação de crianças de 3 e 4 anos. Afirmam que é brincando que a criança aprende aspectos sociais e individuais de forma prazerosa. A professora Margarida diz: *“eu dou toda importância para os recursos lúdicos, pois a criança aprende brincando e com isso ela aprende a gostar da escola, porque na escola existe algo que lhe causa prazer”*. Assim, a professora Margarida entende a utilização da ludicidade como forma de aproximação entre a escola e a criança na perspectiva da interação com as outras crianças e com o prazer envolvido pelo momento lúdico. Já a professora Violeta ressalta a importância da aprendizagem concreta para as crianças de três anos: *“Os meninos precisam de espaço, os meninos precisam de jogos, precisam de um parquinho adequado, eles precisam... isso aí é fundamental pra eles aprenderem. Porque eles são pequenos e aprendem muito no concreto”*.

A importância da utilização de recursos lúdicos na educação de crianças se dá principalmente na perspectiva de exploração do mundo, pois é brincando que a criança constrói e desconstrói conceitos e vive situações desconhecidas. Telles (1999, p. 14) afirma que é *“através da brincadeira que a criança constrói o real, delimita os limites frente ao meio e ao outro e sente prazer de poder atuar ante as situações e não ser dominado por elas”*. Assim, a brincadeira é o acesso que a criança prazerosamente constrói para que ensinamentos e aprendizados sejam conquistados.

Ambas afirmam utilizar recursos lúdicos em suas aulas. Entretanto, a professora Violeta descreve como a falta desses recursos implica na sua prática como docente: *“Às vezes você quer fazer um trabalho com eles e (...), se você quiser fazer, que você compre, que você tire do seu dinheiro pra comprar. Porque nunca tem (...) E muita coisa que você quer fazer com as*

crianças, que você sabe que elas precisam ver pra aprender, que você se propõe a fazer não tem como, porque até um papel, uma cartolina não tem”.

Por outro lado, a professora Margarida acredita que essa falta não prejudica o seu trabalho docente: *“não tem porque não vem da Secretaria e o que eu posso fazer? Tenho que usar os materiais que tem na escola. Falta recurso, mas não muda nada na minha prática porque eu utilizo os que tem”.*

Diante da vivência na escola pesquisada, foi observado que há uma sala com vários tipos de recursos lúdicos como fantoches, dedoches, quebra-cabeças, bolas, bambolês e tantos outros, o que falta é um planejamento direcionado para a ludicidade a disposição em utilizar os recursos da escola.

- *Recursos lúdicos e a gestão da escola*

A professora Violeta diz que a gestão da escola não contribui para as aulas lúdicas da creche, pois dificulta o empréstimo dos recursos lúdicos existentes na escola e não disponibiliza para a creche o que é necessário: *“Precisa de materiais, dos brinquedos pra brincar com os meninos e não tem. E a escola nunca, nunca tem. É muito difícil você querer trabalhar e não ter. É muito triste isso: você querer trabalhar e não ter instrumentos, querer fazer um bom trabalho e não ter como (...). A escola também tem muita autonomia para fazer, tem autonomia, mas não tem interesse, não tem interesse na creche. Tanto que tudo na creche é por último, ah depois, se sobrar fica pra creche. E que eu fico muito triste com isso porque deveria ser o primeiro lugar, pensar que eles são pequenininhos e que estão em formação”.*

Por outro lado, a professora Margarida entende que a gestão faz o possível para garantir que os professores trabalhem em boas condições, porém faltam pessoas na gestão pelo fato de a escola ser muito grande: *“Existe uma boa intenção em ajudar as professoras a realizar o trabalho de forma satisfatória, mas não tem pessoal suficiente. A escola é muito grande e só tem uma coordenadora, não dá conta mesmo”.*

Diante da vivência na escola, é perceptível o apoio à ludicidade por parte da gestão com a compra dos materiais lúdicos e a organização em uma sala específica. Entretanto, não há nenhum incentivo à utilização desses materiais

e, como disse a professora Violeta: “*pegar os brinquedos da escola é uma dor de cabeça, dificultam demais*”.

4.2 Questionários

Os questionários foram planejados tendo como base o tema e as referências da pesquisa. Foram entregues aos pais no momento da saída de seus filhos e explicado o objetivo do trabalho, além de haver anexo ao questionário uma carta de recomendação que explicitava todos os detalhes.

A entrega dos questionários compreendeu a turma do Maternal 2A, a que a pesquisa se refere. Foram distribuídos dezenove questionários, pois há irmãs gêmeas na turma, e desses, foram devolvidos respondidos quatorze. O período de distribuição destes começou no dia 8 de novembro e foi até o dia 11 do mesmo mês e o de recebimento foi do dia 9 de novembro e se estendeu até o dia 16.

A seguir, a análise das concepções dos pais a respeito da creche, da rotina e da ludicidade.

- *Caracterização dos participantes*

Os quatorze pais participantes da pesquisa têm idades entre vinte e quarenta e dois anos, sendo que suas profissões são, em geral, diaristas, motoristas, mecânico e cabelereira. Como mostra a tabela a seguir:

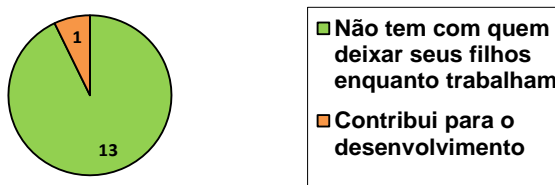
CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES			
	QUANTIDADE	IDADES	PROFISSÕES
MÃES	11	Entre 20 e 41 anos	Vendedoras (2), donas de casa (2), diaristas (2), manicures (2), estudantes (2) e serviços gerais (1).
PAIS	3	Entre 29 e 42 anos	Açougueiro (1), mecânico (1) e motorista (1).

Todos os participantes são moradores das proximidades da escola e possuem seus filhos na turma Maternal 2A.

- *Função da creche*

No momento em que foram questionados sobre o motivo pelo qual seus filhos frequentam a creche, apenas uma mãe afirmou que seu filho frequenta a creche pela educação que recebe da instituição. Todos os outros treze participantes assumiram utilizar a creche como um local para deixar seus filhos enquanto trabalham, pois não tem com quem deixar.

Motivo pelo qual os filhos frequentam a creche



Segundo Kuhlmann (2011) “a vinculação das creches aos órgãos governamentais de serviço social levou à ausência desse tema nas pesquisas educacionais”, o que reduziu as creches apenas ao apoio assistencialista. Somente em 1996, com a LDB (BRASIL, 1996), as creches passaram a serem consideradas instituições educacionais. Ainda é muito recente essa mudança, que é perceptível nas respostas da maioria dos pais que utilizam a creche como um depósito de crianças.

Assim, fica sustentada a hipótese de que a creche é vista pelos pais como uma instituição assistencialista, cuja principal função é cuidar das necessidades básicas de seus filhos, como a alimentação e a higiene.

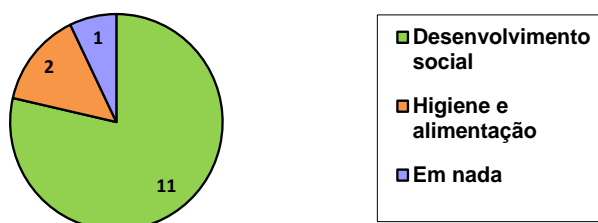
- *Creche e desenvolvimento infantil*

Onze pais participantes da pesquisa declararam que a creche contribui para o desenvolvimento de seus filhos de diversas maneiras como na socialização, nas atividades da vida diária, como vestir-se sozinho, comer

sozinho, na fala e em aspectos pedagógicos como o reconhecimento das cores, dos números e das letras.

Entretanto, dois pais afirmaram que a creche contribui apenas para deixar seus filhos limpos e alimentados enquanto não estão sob os cuidados da família. E, ainda, um participante afirmou que não percebe nenhum desenvolvimento de seu filho após frequentar a creche, assim foi respondido pela mãe A quando questionada sobre em quê a creche contribui para o desenvolvimento do seu filho: *“Pra falar a verdade, não vejo nenhum desenvolvimento nele”*.

Contribuição da creche no desenvolvimento da criança

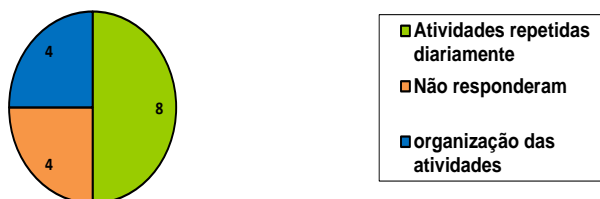


Diante da observação e da vivência na escola é perceptível que existem pais e mães que não consideram a creche como forma de complemento da educação de casa, mas acreditam que é na creche que as crianças aprenderão tudo o que seria ensinado em casa, pela família. Assim, a resposta da mãe que não vê desenvolvimento no filho, provavelmente não tem contato direto com a criança, pois mesmo que não seja ensinado nada formalmente, a criança aprende com a interação social entre crianças e adultos.

- *Rotina da creche*

A concepção explicitada por oito pais é a de que o conceito de rotina é simplesmente a repetição das atividades, a mãe B diz: *“rotina é a mesma frequência de ações diariamente, no mesmo horário”* e a mãe C: *“rotina é quando se faz as mesmas coisas todos os dias com a mesma frequência”*. Enquanto dois pais responderam que a rotina é a organização das atividades do dia, um pai participante não respondeu a essa pergunta.

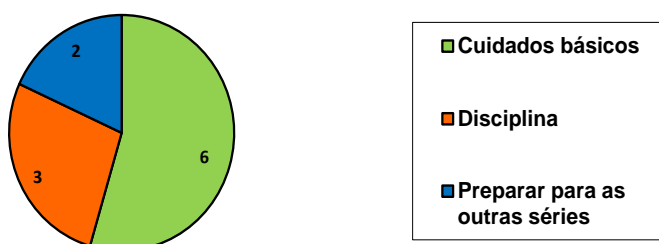
Concepção de rotina



É perceptível nas respostas dos participantes que não há um entendimento completo sobre o conceito rotina que, segundo Barbosa (2006), “é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil” e que esta é vista somente como uma repetição das mesmas atividades, nos mesmos horários em diversos dias.

Todos os pais consideram que haver uma rotina na creche é importante para o desenvolvimento das crianças, porém por motivos diferentes. Seis pais acreditam que a rotina da creche possibilita maior atenção aos cuidados básicos de higiene e alimentação, três pais enxergam na rotina proposta uma possibilidade de disciplinar seus filhos, por fim, dois pais acreditam que a rotina estabelecida na creche preparará seus filhos para os anos seguintes de escolarização.

Rotina e desenvolvimento infantil

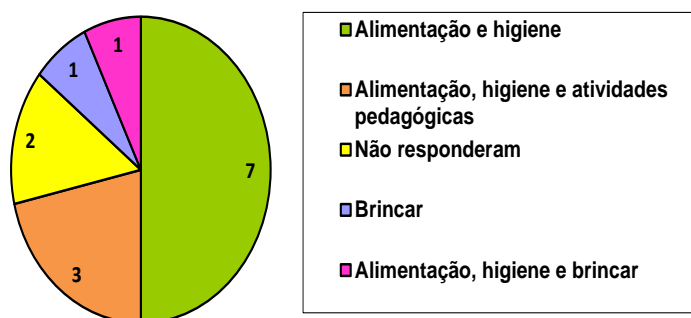


É importante salientar que a rotina deve satisfazer as necessidades básicas e respeitar o desenvolvimento das crianças. Assim como deve ser formulada a partir do currículo para a Educação Infantil e respeitadas as especificidades de cada sujeito envolvido.

Ao serem questionados sobre a rotina desenvolvida na creche de seus filhos, em geral, os pais têm conhecimento de tudo que é realizado e estão satisfeitos com a rotina executada, pois nenhum demonstrou aversão ao que é realizado.

Entretanto, na descrição da rotina feita pelos pais, foram priorizados os aspectos de alimentação e higiene, sendo citados apenas os momentos de alimentação e banho. Sete pais compreendem a rotina como alimentação e higiene, três pais compreendem as atividades pedagógicas como partes da rotina, um pai acredita que além de alimentação e higiene as brincadeiras também fazem parte da rotina e, ainda, um pai considera que a rotina da creche é apenas de brincadeira, além de dois pais que não responderam a essa pergunta.

Conhecimento da rotina da creche

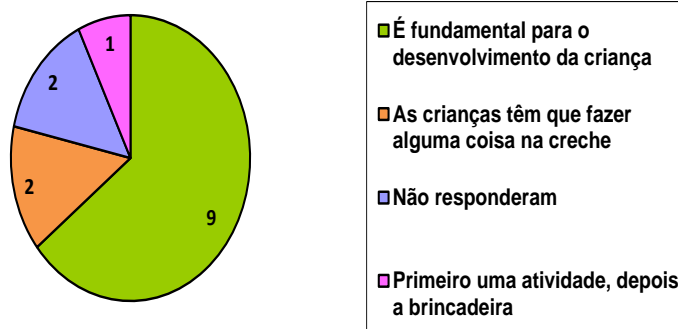


Pode-se observar nas respostas dos pais participantes sobre a rotina da creche que os mesmos têm conhecimento do que é realizado na escola com os seus filhos e que estão satisfeitos com o que é estabelecido para as crianças. Porém, é importante que se saliente, a partir das observações realizadas, que os pais não exigem muito do sistema educacional para seus filhos já que estes são atendidos pela creche e têm onde ficar durante todo o dia. Assim, os pais não têm conhecimento de que seus filhos têm direito de frequentar uma instituição de Educação Infantil e acreditam que a creche é um favor prestado do governo à sua família.

- *Ludicidade na creche e desenvolvimento infantil*

Todos os pais afirmam que seus filhos brincam na creche e que é muito bom para o desenvolvimento das crianças. Porém, foram explicitados diversos motivos para esta afirmativa.

Ludicidade e desenvolvimento infantil



Um participante da pesquisa afirmou que a brincadeira é muito boa para a criança, mas tem que ser estabelecida após uma atividade. Outro participante disse que é importante, pois os pais não têm tempo para brincar com a criança brincar em casa, por isso é importante que brinque na creche. E, ainda outro participante afirmou ser importante a criança brincar na creche porque a mesma permanece na instituição escolar durante todo o dia e tem que “fazer alguma coisa”, então deve brincar. Os outros participantes atribuíram a importância da brincadeira ao desenvolvimento integral da criança, contemplando seu aspecto social, afetivo e cognitivo.

A brincadeira é natural da infância e é no espaço familiar que a criança desenvolveria suas atividades lúdicas caso não tivesse que frequentar uma escola. Entretanto, com o aumento da indústria na década de 70 e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, houve a necessidade de se criar um lugar para que seus filhos fossem cuidados enquanto os responsáveis trabalhavam. Assim, foi transferido o espaço de acolhimento da família para uma instituição e o mesmo aconteceu com o brincar, pois é na família que surgem as primeiras brincadeiras. A criança que passa a frequentar uma

creche desde a primeira infância deve ter o espaço da brincadeira na instituição para garantir que a sua necessidade e a sua infância sejam respeitadas.

4.3 Observação

Pelo fato de eu trabalhar há mais de um ano na instituição que foi feita a pesquisa, a observação não se restringiu a um determinado período, porém, na fase de elaboração deste trabalho as observações foram mais direcionadas ao tema a ser discutido.

- *Rotina da creche*

A rotina cumprida na creche é de acordo com os horários das alimentações e dos banhos, em geral. Entretanto, essa rotina é flexível, sendo que em alguns dias o horário e a quantidade de banho mudam de acordo com o clima. E as atividades planejadas pelas professoras são realizadas sempre nos intervalos das alimentações.

Não há liberdade da criança em realizar ou não algum ponto da rotina. Por exemplo, todas as crianças têm que dormir, todas têm que tomar banho, todas têm que comer. Já nas atividades pedagógicas planejadas pelas professoras, estas não obrigam as crianças que podem optar.

É perceptível que as crianças são condicionadas à rotina. Após o almoço, sabem que em seguida vão escovar os dentes. Sabem também que, após o jantar, brincam de massinha. E quando há alguma mudança nessa rotina, as crianças notam e questionam.

No turno matutino, há sempre um mesmo horário para as atividades, mesmo que essas sejam diferenciadas. Já no turno vespertino, as atividades são sempre as mesmas e nos mesmos horários, o que incentiva o condicionamento das crianças à rotina.

- *Ludicidade na creche*

Os momentos lúdicos na creche são utilizados como forma de ocupar as crianças, visto que raramente há atividades lúdicas direcionadas pelas professoras. Mesmo assim, nas brincadeiras livres, há grande aproveitamento

das crianças no que tange ao seu desenvolvimento. Entretanto, se houvesse um planejamento docente para utilizar esses momentos livres para a direção de alguma habilidade e competência proposta pelo RCNEI (BRASIL, 1998) o desenvolvimento dessa habilidade infantil ocorreria de forma mais efetiva e integralizada. Entretanto, o desenvolvimento global das crianças poderá ser comprometida se não houver tempo e incentivo para as brincadeiras livres com objetivo pedagógico.

Assim como as atividades planejadas, as brincadeiras são sempre realizadas nos intervalos entre uma refeição e outra. No turno matutino, os momentos de diversão acontecem nos horários em que a professora regente realiza atividade com algum aluno de forma individual e ocupa o resto da turma com a caixa de brinquedos espalhada pela sala de aula ou no espaço atrás da sala.

Em diversos momentos, observa-se que os recursos lúdicos utilizados pela Professora Margarida, no turno matutino, são os brinquedos da caixa e músicas que a docente sempre ensina às crianças de acordo com a atividade impressa que vai realizar. Por exemplo, se a criança vai pintar com a ajuda da professora uma flor, a docente ensina a música *Rosa Juvenil*.

No período vespertino, a brincadeira livre também é priorizada, sendo que o horário após o banho da tarde é o que sempre é utilizado para tal atividade. A professora Violeta costuma contar histórias para as crianças com os recursos de livros de histórias infantis e de aventais. Fora esses recursos, nenhum outro é utilizado.

É importante também salientar que a televisão e o dvd da sala de aula também são utilizados com a mesma finalidade da brincadeira. Só que com o objetivo de deixar as crianças quietas por um tempo, enquanto as brincadeiras têm o objetivo de fazê-las passar o tempo de forma livre e prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo da prática pôde ser percebida a relação entre a ludicidade e rotina da creche. A turma pesquisada se mostra acostumada a brincar livremente, um dos fatores é pelo planejamento repetitivo das professoras contemplando a brincadeira livre, mesmo que essas percebam a importância da ludicidade e da intervenção docente nas atividades lúdicas na Educação Infantil. Outro fator é a necessidade da ludicidade na preservação da infância dentro da rotina da creche.

Considerando o objetivo principal deste trabalho que é de compreender como uma rotina da creche pode estabelecer um vínculo entre o desenvolvimento da criança de forma que permita que o sujeito tenha sua infância preservada mesmo dentro de uma instituição de creche, procurou-se refletir e compreender a teoria que envolve a ludicidade na educação das crianças na primeira infância; analisar como o lúdico é utilizado na educação de crianças de três anos e sua importância; entender porque existe uma rotina na creche e se esta contempla as necessidades das crianças e, ainda, se é uma forma de personificar o currículo proposto para essa etapa de escolarização e; analisar as concepções de pais a respeito da função da creche na educação de seus filhos.

A ludicidade é uma importante ferramenta que o professor deve utilizar na fase de escolarização de crianças de 3 e 4 anos para propor estratégias que auxiliem no desenvolvimento integral das crianças e estabelecer um elo entre a aprendizagem e as descobertas da infância, pois as crianças estão em fase egocêntrica de descoberta do próprio mundo e necessitam de estímulos prazerosos para adquirir aspectos cognitivos, afetivos, físicos e sociais proporcionados pela brincadeira.

Por meio das entrevistas realizadas com as professoras, foi constatado que as duas possuem formação específica na área de Educação Infantil, por meio de especialização, porém somente a professora Violeta relata ter estudado assuntos referentes à ludicidade em sua formação. Assim, as duas professoras apresentam concepções diferentes sobre o brincar em sala de

aula, porém, ambas explicitam a importância da ludicidade no desenvolvimento das crianças de três anos. A professora Violeta destaca o valor da brincadeira e da imaginação na educação dos seus alunos, além de explicitar que é a partir da ludicidade que encontra acesso para que conceitos e valores sejam transmitidos. Diz também que é no momento das brincadeiras que acontece maior interação de criança com criança e de criança com adulto, possibilitando assim, a afetividade que é, segundo ela, importante fator na educação das crianças.

Por outro lado, a professora Margarida, que assume não ter clareza sobre o lúdico, acredita que a ludicidade em sala de aula é um importante meio pelo qual a criança aprende a gostar da escola e a docente também percebe que a brincadeira é uma forma de desenvolvimento social e cognitivo da criança, além de ser prazerosa.

É perceptível que o brincar e a ação lúdica contribuem muito para vários aspectos do desenvolvimento da criança como a aquisição e evolução de linguagem, a cognição, a imaginação, a criatividade, além do autoconhecimento que a criança vivencia na brincadeira. Dessa forma, torna-se importante a utilização de recursos e atividades lúdicas como estratégias pedagógicas no ambiente escolar, pois contribuirão para a construção e desconstrução de conceitos pela própria criança de forma prazerosa.

Na creche, ambiente de acolhimento das crianças no contexto escolar, o brincar tem uma característica ainda mais definida. Pois, pelo fato de a criança ser inserida no ambiente escolar muito nova, a mesma transfere as brincadeiras naturais da infância que seriam realizadas em casa, na família, para a creche, que é o lugar onde permanece durante todo o dia e, por isso, necessita de maior incentivo e espaço para essas atividades.

O desenvolvimento das crianças por meio da ludicidade é relatado pelos pais por meio dos questionários aplicados. Os responsáveis percebem nas crianças o avanço na fala, na locomoção, na convivência com outras pessoas fora do contexto familiar, além de verificar valores que a criança adquiriu ao longo no ano na creche, através da brincadeira livre privilegiada na instituição.

É entendido para os pais que a ludicidade tem seu papel fundamental na creche, porém a brincadeira não é vista como forma de desenvolvimento global da criança e sim como forma de passar o tempo, já que as crianças permanecem na creche durante todo o dia. Assim, os momentos lúdicos são vistos apenas como lazer para as crianças que, segundo alguns pais, deve ser proporcionado à criança somente após uma atividade. Podendo subentender assim que, a brincadeira é vista pelos pais como um prêmio que a criança conquista após realizar o que é esperado.

Com relação à rotina da creche, as docentes confirmam que há rotina na turma, porém as opiniões são contrárias quanto a sua utilidade e sua elaboração. A professora Margarida afirma que há rotina na turma, pelo fato de fazer as mesmas atividades todos os dias, porém diz que essas atividades são feitas em momentos diferentes para não cansá-la e nem cansar as crianças, por isso afirma que quem determina a rotina em sua turma é ela mesma. E diz ainda que se a creche é a preparação para a vida, nada na vida é tão esquematizado como uma rotina escolar.

Por outro lado, a professora Violeta diz que existe rotina na turma e que esta foi elaborada em conjunto com todas as professoras da creche e com a coordenadora pedagógica tendo como base o RCNEI (BRASIL, 1998). Entretanto, afirma que nem sempre a rotina elaborada é posta em prática, pelo fato de as crianças possuírem necessidades diferentes em dias diferentes. Assim, é necessário um ajustamento constante para que a rotina da turma contribua de fato para a educação das crianças.

Diante das observações realizadas na turma, pode-se perceber que existe uma rotina na turma e que essa é determinada pelos horários dos costumes diários (refeições, banhos e atividades). Assim sendo, as professoras não percebem a rotina como um meio de contribuição para sua prática e sim, como um engessamento das suas atividades. A professora Margarida afirma possuir autonomia, nos intervalos das refeições e banhos, para trocar a sequência das mesmas atividades, conforme deseja. Já a professora Violeta, se sente podada pela rotina para realizar diferentes atividades.

De acordo com a bibliografia pesquisada, entende-se que a rotina escolar é um meio para que diferentes atividades sejam contempladas e realizadas diariamente com as crianças visando o desenvolvimento integral do aluno. Entretanto, por ser algo esquematizado, resulta que educadores como é o caso das professoras pesquisadas, veem-se em uma camisa de força, pois não compreendem que a rotina é apenas um caminho a seguir e que pode ser contemplada de diferentes formas de acordo com a especificidade dos alunos que, ninguém melhor que o docente para fazer as devidas modificações.

Os responsáveis pelas crianças, de acordo com os questionários, também têm a visão de que rotina é o que se faz todos os dias, da mesma maneira. Porém, esses acreditam que, na Educação Infantil, a rotina é importante para dar disciplina às crianças e ensinar que tudo tem sua hora. O que é contrária à posição das professoras que acreditam que a disciplina e a preparação para a vida em sociedade pode ser trabalhada de forma diferente.

O que foi percebido é que a rotina da turma é determinada pelos horários do banho, sono e das refeições, como a professora Violeta havia dito. Porém, nos espaços de intervalo os quais as professoras afirmam realizar diferentes atividades, essas ocorrem sempre da mesma maneira. Ou seja, as docentes criticam a rotina da turma, mas não a utilizam como forma de incentivo à sua prática. Foi percebido também que as crianças são condicionadas à rotina, exatamente por não haver uma reflexão do que é realizado.

Com base nas respostas dos pais sobre a rotina executada na creche e da rotina esperada, pode-se perceber que os pais ainda possuem uma visão de que a creche é uma instituição assistencialista, pois, em geral, restringem a rotina executada na creche aos cuidados de alimentação e higiene e afirmam que é satisfatória. Assim sendo, a visão de que a creche é uma instituição educativa ainda não está presente na realidade desta, pois assim como os pais, a professora Violeta afirma que quem determina a rotina na turma são os horários de sono, banho e das refeições, o *relógio-biológico*, como afirma Oliveira (1992). As professoras entendem o caráter educativo da creche, porém não realizam ações que contribuam para que a percepção dos pais seja

mudada com relação à assistência, talvez, isso acontece porque as docentes não têm clareza sobre o seu papel na turma da creche, explicitada pela professora Violeta na entrevista.

A professora Margarida entende seu papel de educadora, porém deixa claro a diferença de funções no que diz respeito ao cuidar e ao educar e não leva em consideração a afetividade resultante desses processos. Quanto à ludicidade, Margarida, que apesar de não ter estudado em sua formação sobre o tema, afirma que o conhece apenas na prática, em seus trinta e seis anos de docência. E considera a importância desse tema para o desenvolvimento das habilidades infantis no que tange a educação integral das crianças.

Ao se trabalhar com a ludicidade na rotina de uma turma da Educação Infantil, principalmente em uma creche, o educador não está trabalhando apenas com as habilidades e competências propostas pelo currículo, está também educando as crianças integralmente, tornando esta aprendizagem mais completa por envolver aspectos cognitivos, sociais, afetivos e físicos.

A responsabilidade da creche vai além de cuidar das crianças enquanto seus pais trabalham ou de ser um local onde as crianças permanecem limpas e alimentadas. A creche é o início da formação intelectual da criança para aquelas que são escolarizadas desde bem pequenas e, por isso, deve abranger a formação humana e cidadã, que acarretarão na formação global do sujeito.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ingressei no curso de Pedagogia com o interesse de atuar na Educação Infantil e, apesar de ter descoberto diferentes campos de atuação do pedagogo, me identifiquei ainda mais com as séries iniciais e o desenvolvimento das crianças de zero a cinco anos. A confirmação desse desejo veio não só por meio das disciplinas e dos projetos do curso, mas também com a vivência na turma que trabalho como monitora, em uma creche da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Pretendo continuar como monitora, mas também almejo assumir uma vaga como docente efetiva na Secretaria de Educação para que todos os conhecimentos adquiridos na universidade sejam retornados para a sociedade. O cargo de monitora me possibilita ter contato com as crianças de três e quatro anos na creche, observar e contribuir para seus desenvolvimentos. Entretanto, cabe ao docente planejar e executar atividades que contemplem e contribuam para o desenvolvimento integral da criança, o que não é minha função e que eu gostaria de vivenciar essa experiência.

O papel do pedagogo é de extrema importância em um espaço não-escolar, sendo que este é capacitado para exercer a função de mediador e articulador da aprendizagem em diversos segmentos. Assim sendo e visando maior conhecimento dos diversos campos de atuação do pedagogo, pretendo prestar concursos para diversas áreas que a pedagogia seja contemplada.

Acredito que a profissão de educador, independente da área de atuação, exige uma constante atualização dos conhecimentos, pois a sociedade está em constante mudanças e o profissional da educação deve estar atento a estas. Por isso, após a conclusão do curso pretendo continuar estudando. Primeiramente, desejo fazer uma especialização em Educação Infantil e, seguidamente, um mestrado voltado para a educação da primeira infância para suprir as lacunas que ficaram com a formação inicial.

Como pedagoga, aspiro trabalhar em instituições que privilegiem a educação contribuindo com o que aprendi através dos estudos e das práticas

realizadas ao longo do curso. E como cidadã, almejo dar retorno à sociedade no que tange à melhoria da educação do país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica – técnicas e jogos pedagógicos**. Ipiranga, SP: Loyola. 1995, 8. ed.

ALVES, Rubem. **Gaiolas e asas**. Folha de São Paulo. Caderno Opinião, 2001.

Disponível em:

www.gruporamazzini.med.br/noticiascursos/cursogaiolaouasas.doc. Acesso em 2 nov. 2011.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BORTONI - RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas Constitucionais números 1/92 a 40/2003 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão números 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

BRASIL. **Diretrizes Pedagógicas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal 2009/2013**. Brasília, 2008. Disponível em <http://antigo.se.df.gov.br/sites/400/402/00002726.pdf> Acesso em: 11 out. 2011.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais Curriculares**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental .Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf> Acesso em 4 de set. 2011.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 7. Ed. Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 2008.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia; Ferreira, Isabel M.; **Creches e pré-escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez: Fundação Carlos Chagas, 1993.

COMENIUS, John Amos. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CORREIO BRAZILIENSE. Publicação 15 de maio de 2011. Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica-brasil-economia/2011/05/15/internas_polbraeco,252264/por-que-os-profissionais-desistem-de-ser-professores-no-brasil.shtml Acesso em 31 de ago 2011.

CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gládis Elise. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

DISTRITO FEDERAL. **Portaria nº 84, de 23 de abril de 2010**. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, anexo 7.

FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERNANDÉZ, Alícia. **Inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia proporcionando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Formando professores na universidade para brincar**. In: SANTOS, Santa Marli P dos (Org.) **A ludicidade como ciência**. Petrópolis: Vozes, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Relações entre desenvolvimento e aprendizagem: conseqüências na sala de aula**. *Presença pedagógica*. V.8. Nº 45. Maio/ junho 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

KUHLMANN, Moysés Jr. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

KUHLMANN, Moysés Jr. **O jardim de infância e a educação de crianças pobres: Final do século XIX, início do século XX**. In. Monarcha, Carlos. (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875 – 1983**. Campinas, SP: Autores associados, 2001. Coleção educação contemporânea.

LÉDA, Patrícia Dias dos Santos. **O brincar na creche: uma leitura com ênfase no aporte psicanalítico**. Programa de pós-graduação em educação; Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação; Universidade de Brasília, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCILIO, Maria Luiza. **A roda-dos-expostos e a criança abandonada na história do Brasil: 1726 – 1950**. In: FREITAS, Marcos César (Org.). **História social da infância no Brasil**. Cortez, São Paulo, 1997.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MENDES, Raimunda L. R. **Educação Infantil: as lutas pela sua difusão**. Belém: Unama, 1999.

MOREIRA, Cidnéa Francisca. **A criança e a creche: um direito ou uma necessidade?** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Programa de pós-graduação. Mesquita, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: Teoria método e criatividade.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOYLES, Janet. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

MOYLES, Janet. **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

NOVA ESCOLA. **Atenção aos pequenos: universalizar a pré-escola e ampliar a creche são as principais tarefas para esta década.** Edição comemorativa 25 anos: ANO XXVI. 239. Ed. Janeiro/Fevereiro, 2011.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes ... [et al.]. **Creches: crianças, faz de conta & cia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche.** 4. ed. **Educação** v. 35, nº1, p. 90 jan/abr. 2010

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade.** In: SARMENTO, Manuel Jacinto, CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos.** Portugal: ASA, 2002.

SILVA, Paulo Vicente da. **Análise da rotina em instituições de Educação Infantil e uma proposta de intervenção.** Universidade Metodista de Piracicaba, 2007. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/5mostra/2/283.pdf> Acesso em 3 set. de 2011.

SILVEIRA, Igor. **Por que os profissionais desistem de ser professores no Brasil.**

TELLES, Maria Luiza Silveira. **Socorro! É proibido brincar!** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criatividade e suas origens.** In:____. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PAIS DOS ALUNOS

Brasília, outubro de 2011.

Caros pais, mães e/ou responsáveis,

Essa pesquisa foi elaborada pela aluna Claudielly Maria Rodrigues Alves da Universidade de Brasília e orientada pela professora Carla Castelar Queiroz de Castro. A pesquisa tem como tema *O uso da ludicidade como ferramenta pedagógica na rotina de creche* e tem como objetivo identificar como os recursos lúdicos favorecem o aprendizado das crianças de 3 e 4 anos, analisando as concepções da família a respeito da creche e dos professores no que tange à educação lúdica.

O nome dos professores, alunos, bem como de seus familiares não serão revelados no trabalho. A finalidade desta pesquisa é investigativa e reflexiva. Não cabendo ao pesquisador qualquer medida de divulgação, julgamento ou interferência posterior.

Agradeço a disponibilidade em participar.

Atenciosamente,

Claudielly Maria Rodrigues Alves

Aluna da Universidade de Brasília, UnB - Faculdade de Educação, FE – Curso de Pedagogia – Orientanda da professora Carla Castelar Queiroz de Castro.

Identificação:

Idade: _____

Profissão: _____

1. Na sua opinião, qual é a principal função da creche: dar assistência às crianças ou educá-las?

2. Por qual motivo seu filho (a) frequenta a creche?

3. Em quê a creche contribui para o desenvolvimento de seu filho (a)?

4. O que é rotina?

5. Qual é a rotina cumprida na creche de seu filho (a)?

6. Você considera que a rotina da creche é importante para o desenvolvimento de seu filho (a)? Explique.

7. Que rotina você considera ideal para o desenvolvimento de seu filho (a) na creche?

8. Seu filho (a) brinca na creche? O que você pensa sobre isso?

9. Você considera que o brincar é importante para o desenvolvimento na infância? Explique.

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

Identificação

Formação.

Concursado ou contrato?

Tempo de docência.

Tempo de docência na educação infantil.

Estudou na graduação assuntos referente à educação infantil?

1. Qual é a sua função na creche?
2. Qual é a função da creche?
3. A creche possui duas frentes: de cuidado e de educação. Você concorda com essa divisão? E como você percebe o trabalho do docente em meio a essa separação?
4. Para você, há diferença entre cuidar e educar?
5. Você considera que um desses fatores deve ser mais preponderante no que tange à creche?
6. Na sua turma, como são organizadas as atividades? Tudo que é planejado para a creche é possível ser executado? Quando os imprevistos acontecem, como você trabalha com isso?
7. Há rotina na sua turma? Como essa foi elaborada?
8. Qual é a relação da rotina de sua turma com o currículo da Educação Infantil?
9. O que são recursos lúdicos?
10. Qual é a importância que você dá para o uso de recursos lúdicos na educação de crianças de 3 anos?
11. Há espaço para a ludicidade na rotina da sua turma?
12. Você utiliza recursos lúdicos em suas aulas? Se sim, quais? E de que forma? Se não, por quê?

13. Como você percebe os recursos lúdicos disponibilizados pela SEEDF? O que isso implica na sua prática?
14. A gestão da escola incentiva a ludicidade na rotina da creche? Como você percebe essa relação?

APÊNDICE C: ENTREVISTA COM A PROFESSORA VIOLETA

Transcrição da entrevista realizada com a Professora Violeta (08/11/11)

Eu: Professora Violeta, quero iniciar falando que, neste momento, não sou a Claudielly monitora e sim, a estudante e pesquisadora. Tudo bem?

Violeta: Tudo bem.

Eu: Então vamos começar. Qual é a sua formação?

Violeta: Sou formada em pedagogia, em orientação e supervisão. E tenho uma pós em psicopedagogia.

Eu: Você é concursada ou contrato?

Violeta: Contrato temporário.

Eu: O tempo de docência?

Violeta: Eu tenho seis anos de Secretaria... é, seis anos de Secretaria. E tenho, tenho dois anos de escola particular.

Eu: Juntando tudo dá oito anos, é isso?

Violeta: É oito anos.

Eu: E na Educação Infantil?

Violeta: Olha, na Educação Infantil eu tenho cinco anos.

Eu: E na creche?

Violeta: Na creche eu tenho um ano.

Eu: Esse é o primeiro ano?

Violeta: Esse é o primeiro ano.

Eu: Na sua graduação você estudou assuntos referentes à Educação Infantil?

Violeta: Estudei.

Eu: E à ludicidade?

Violeta: Estudei também.

Eu: Qual é a sua função na creche?

Violeta: Sou professora. Na creche, eu sou educadora. Mas a gente se confunde muito sobre o que é ser professora na creche, é muito difícil. O professor trabalhar na creche, ele se confunde muito do que ele vai fazer. Ele não sabe muito bem o que tem que fazer.

Eu: E porque essa confusão?

Violeta: É porque tenho... é porque a creche, ela é diferente. Você pensa assim, que é só você é é é... cuidar. Mas não é só isso, você tem que educar, ensinar. Né? Então, assim, se o professor não sabe o objetivo dele mesmo ali, ele se confunde, ele acha que é só mesmo cuidar e não é.

Eu: E qual é a função da creche?

Violeta: Acho que a função da creche em si é educar a criança, é ensinar, entendeu? É cuidar também. A creche tem o lado pedagógico sim, o professor tem que trabalhar isso na creche. Eu acho que na creche eles (alunos) estão iniciando, estão começando, é o alicerce que tem na vida deles. Então, tudo começa ali. Acho que todo na vida começa pela creche.

Eu: Você acha que há diferença entre as crianças que frequentam a creche e as crianças que não frequentam?

Violeta: Eu acho. É uma diferença muito grande. A gente pega uma criança que já vem da creche e uma criança que vem de casa. A criança que vem da creche, ela é mais espontânea, ela consegue se socializar melhor, ela consegue brincar melhor do que a outra que vem de casa.

Eu: A creche tem duas vertentes, de cuidado e de educação. Você concorda com essa divisão?

Violeta: Não. Pra mim os dois trabalham juntos, tem que estar juntos. No mesmo momento que você tem que ensinar, você tem que cuidar. Isso faz parte um do outro, um está dentro do outro, os dois trabalham juntos.

Eu: E o docente? Como fica no meio dessas duas frentes?

Violeta: Eu acho que o professor é fundamental. É fundamental nas duas. Acho que o professor, ele tem que ensinar e também tem que cuidar. Eu gosto, eu sou a professora, tenho monitores, mas eu gosto de participar. Eu gosto de dar banho, eu gosto de pentear o cabelo, gosto de trocar a roupa porque aí eu vou estar socializando com eles (alunos), vou estar conversando e às vezes vários problemas que acontecem em casa ou na sala eu tomo conhecimento nesses momentos. Com uma criança, você começa a conversar com eles e começa a ver o que está acontecendo, às vezes é um problema em casa, então através disso que eu fico sabendo. Então eu gosto, eu acho que o professor tem que entender que não que só os monitores que tem que fazer, acho que o professor deveria fazer também, deveria contribuir com isso também.

Eu: De forma geral, você acha que tem diferença entre cuidar e educar?

Violeta: Não. Os dois estão juntos. Os dois caminham juntos. Tem que ser juntos. Eu acho que entre isso ainda tem que haver a afetividade entre professor e aluno, tem que existir.

Eu: A afetividade seria o elo entre a educação e o cuidado?

Violeta: É. Tem que ter. Quanto mais na creche que eles (alunos) estão vindo de casa, estão vindo do seio da família, então assim, tem que ter a afetividade para eles se sentirem mais confortáveis e mais livres com a gente.

Eu: Na sua turma como são organizadas as atividades?

Violeta: As atividades é... Eu tento fazer as atividades conforme a idade deles, tem um currículo que tem que ser trabalhado. Mas a creche tem uma rotina que a gente tem que seguir mesmo com o currículo, a gente tem que estar seguindo, entendeu? É um currículo que tá vindo da Secretaria que é experimental, mesmo assim, muita coisa no currículo deveria ser mudado e

deveria ter um currículo específico, entendeu, pra creche. Porque é totalmente diferente da Educação Infantil de meninos de 4, 5, 6 anos. Então a creche deveria ser separada, existir um currículo só pra creche.

Eu: Tudo que é planejado é possível de ser executado na creche?

Violeta: Não. O professor tem que ter muita paciência porque tem dias que a gente não consegue fazer. Você faz um planejamento lindo e maravilhoso para trabalhar com as crianças só que você não consegue. Você tem que ser flexível em tudo. Porque às vezes as crianças não estão bem, às vezes as crianças estão muito agitadas, as crianças ficam o dia inteiro aqui na escola e tem que analisar isso também, então assim, não é tudo que você quer fazer que você consegue.

Eu: E quando esses imprevistos acontecem, o que você faz?

Violeta: Eu vou analisando e vou vendo como é que a turma está. Eu sempre faço o meu planejamento e sempre coloco “vou fazer isso, mas se não der certo faço isso”.

Eu: Um plano B?

Violeta: É, um plano B. Sempre tem um plano B. Então já tem outra coisa. Quando eu já chego e não dá certo, eu já tenho outra coisa pensada que posso fazer com eles, normalmente é um tempo a mais com os brinquedos ou o filme que eles querem assistir no dia.

Eu: Tem rotina na sua turma?

Violeta: Tem. Inclusive é bem difícil trabalhar com creche por isso. Porque tem o horário do banho, do lanche, do sono que tem que ser respeitado e não tem como você fazer nenhuma atividade com eles nesses momentos. Tem a rotina que tem que ser cumprida e quando não estão fazendo nada que a gente pode fazer alguma coisa com eles.

Eu: E como é que essa rotina foi elaborada?

Violeta: Olha, a Secretaria de Educação não tem uma rotina preparada e pronta pra gente. Então a gente tem que fazer conforme a necessidade da

escola e das crianças. Então, teve uma reunião com as seis professoras da creche, que a gente sentou no começo do ano, montamos uma rotina conforme a necessidade deles, o horário, o banho, o horário de lanche, essas coisas. Então montamos, né. Aí depois a gente passou para a supervisora e aí a supervisora analisou e viu o que estava certo o que estava errado, o que era conveniente e o que não era, fez algumas mudanças. Então, a rotina sim, ela existe, só que não é todo dia que você consegue cumprir, ainda mais com os meninos de creche. Já teve dias que você consegue fazer direitinho, mas tem dias também que não é possível fazer a rotina direitinho com todos os pontos, não dá. Mas eles tem a rotina de todo dia que é o lanche, que é do banho, que é atividades então assim, a gente vai tentando fazer conforme dá, às vezes não dá.

Eu: E essa rotina tem alguma ligação com o currículo?

Violeta: Tem, ela tem. Quando nós chegamos, tivemos a rotina pra montar e analisamos em cima do currículo, só que nós sentimos um pouco de dificuldade por causa justamente do currículo. Porque ele não, ele deixa ainda muito a desejar. Mas a gente montou conforme as condições que tinha, a vida dos meninos aqui.

Eu: O que são recursos lúdicos?

Violeta: Ah... recursos lúdicos eu acho que é tudo aquilo que a gente trabalha com os meninos, que eles podem brincar com jogos, televisão, vídeo, os brinquedos, acho que tudo isso é recurso.

Eu: E qual é a importância que você dá para o uso desses recursos na educação das crianças da creche?

Violeta: Nossa, é fundamental. Quanto mais para os meninos da creche. Os meninos precisam de espaço, os meninos precisam de jogos, precisam de um parquinho adequado, eles precisam... isso aí é fundamental pra eles aprender. Porque eles são pequenos e aprendem muito no concreto.

Eu: E tem espaço para a ludicidade na rotina?

Violeta: Não, não tem. A escola é muito grande, mas pensando no espaço aqui da creche é muito pequeno. As salas deveriam ser maiores, acho que a sala é muito cheia, com muitas crianças e não tem tamanho adequado pra eles. Quanto mais espaço melhor. Lá fora também não tem, aqui não tem o espaço necessário e adequado pra eles.

Eu: E existem momentos lúdicos na rotina?

Violeta: Vários. Tem. Tem momentos de a gente brincar com jogos, tem quebra-cabeça, tem músicas e tem... tem vários brinquedos também que a gente acaba trabalhando com eles.

Eu: Então você utiliza esses recursos?

Violeta: Utilizo.

Eu: E como você percebe que esses recursos são disponibilizados pela Secretaria de Educação? Ou se são disponibilizados?

Violeta: Não são! Acho muito pouco, a Secretaria faz muito pouco. Quanto mais aqui na escola. Aqui eu não concordo com isso, o por último aqui é a creche quando deveria ser o primeiro lugar era a creche, mas é a última. Tudo que vem pra creche é o que sobra, o que dá. Então a gente aqui tem que se virar com o que tem e às vezes não tem.

Eu: E isso acaba implicando na sua prática?

Violeta: Demais! Às vezes você quer fazer um trabalho com eles e você tem que, se você quiser fazer, que você compre, que você tire do seu dinheiro pra comprar. Porque nunca tem. É o dinheiro que tá esperando do governo que nunca vem, é uma coisa, é outra coisa, e vai passando o tempo. E muita coisa que você quer fazer com as crianças, que você sabe que eles precisam ver pra aprender, que você se propõe a fazer não tem como, porque até um papel, uma cartolina não tem.

Eu: A gestão da escola incentiva o uso da ludicidade na rotina da creche?

Violeta: Não.

Eu: Como é que você percebe essa relação?

Violeta: A gente precisa né? Precisa de materiais, dos brinquedos pra brincar com os meninos e não tem. E a escola nunca, nunca tem. É muito difícil você querer trabalhar e não ter. É muito triste isso: você querer trabalhar e não ter instrumentos, querer fazer um bom trabalho e não ter como.

Eu: Mas você acha que isso é um problema de gestão ou é algo mais acima?

Violeta: É mais acima. Muito mais. A nível da Secretaria. Mas não só da Secretaria porque a escola também tem muita autonomia para fazer, tem autonomia, mas não tem interesse, não tem interesse na creche. Tanto que tudo na creche é por último, ah depois, se sobrar fica pra creche. E que eu fico muito triste com isso porque deveria ser o primeiro lugar, pensar que eles são pequenininhos e que estão em formação.

Eu: Obrigada Violeta, era só isso.

Violeta: Por nada.

APÊNDICE D: ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA MARGARIDA

Transcrição da entrevista realizada com a Professora Margarida (08/11/11)

Eu: Então vamos lá. Margarida gostaria de primeiro dizer que agora sou estudante e não mais monitora, tudo bem?

Margarida: Ah... Tudo bem.

Eu: Qual é a sua formação?

Margarida: Eu sou formada pelo Normal Superior e fiz uma pós em Educação Infantil.

Eu: Você é concursada ou é contrato temporário?

Margarida: Concursada, graças a Deus.

Eu: O seu tempo de docência, qual é?

Margarida: Vixe... agora você me pegou. Juntando tudo, tenho 35... não. Tenho 36 anos de docência. É, 36. Antes de ser concursada aqui eu dava aula na minha cidade.

Eu: E na Educação Infantil, tem quanto tempo?

Margarida: 11 anos.

Eu: E na creche?

Margarida: 7.

Eu: Quando você fez sua formação, você estudou assuntos que tratassem da Educação Infantil?

Margarida: Na minha formação inicial, quase nada. Porque foi aquela turma, como se diz? Cobaia. Foi a turma cobaia. Então muita coisa importante foi deixada de lado na formação. Por isso que fiz a pós em Educação Infantil.

Eu: E sobre ludicidade? Você se lembra de ter estudado sobre?

Margarida: Não. Não me lembro de ter estudado no Normal. Na pós até que eu vi alguma coisa, mas nada demais. O que eu sei sobre ludicidade é mais na prática.

Eu: Bom, qual é a sua função na creche?

Margarida: Eu sou a professora, educadora. Que trabalha a criança no todo, psicológico, afetivo, na formação de hábitos. Eu trabalho na educação dos alunos, porque tem algumas funções que eu não faço porque não são da minha atribuição, são de vocês (monitores).

Eu: Pra você, qual é a função da creche?

Margarida: É acolher as crianças e desenvolvê-las da melhor forma. Aqui é o espaço que as crianças possuem para serem preparadas para a vida em sociedade. Na minha turma, a maioria das crianças já vieram de creche do ano passado, mas a creche tem que acolher as crianças que vem de casa, ser um segundo lar para elas, porque elas ficam tanto tempo na escola, tem que ser prazeroso pra elas, senão elas tomam desgosto pela escola desde pequenas. E tem outra coisa, que os pais confundem muito, a creche prepara para a vida em sociedade, mas os conteúdos mesmo, saber contar, aprender as letras eles (as crianças) só serão obrigados a aprender nos períodos, mas nada impede que a gente ensine alguma coisa.

Eu: Mas você acredita que tem diferença entre uma criança que frequenta a creche de outra que só fica em casa nos cuidados da família?

Margarida: Com toda certeza. A criança que vem pra creche é mais esperta, se socializa melhor, tem toda diferença sim.

Eu: A creche tem dois objetivos, de cuidar e educar. Você concorda com essa divisão?

Margarida: Não. Eu concordo que deve haver cuidado e educação, os dois. Até porque não há como dividir as funções que estão interligadas. Eu acredito que se você cuida, você educa e se você educa, você cuida. Não vejo diferença.

Eu: Mas você concorda que há ainda muita confusão com relação a essas vertentes da creche? O cuidar e o educar?

Margarida: Concordo sim. Concordo ainda mais quando se trata dos pais. Porque eles (os pais) esperam que a gente faça muito mais do que podemos fazer. Eles deixam os filhos aqui e pegam a tarde sem perguntar o que aprenderam, só querem saber se comeram, se tomaram banho...

Eu: E como você percebe o trabalho do docente diante desse impasse?

Margarida: Bom, como eu disse, a minha função é educar com as atividades, a imposição de limites, mas o cuidado é com os monitores que tem que dar banho. As funções não podem se misturar, mas elas se complementam.

Eu: Como são organizadas as atividades na sua turma?

Margarida: Desde o início do ano ficou combinado que eu tomaria de conta dos trabalhinhos que eles (as crianças) fazem na sala e a professora Violeta cuidaria da parte de recreação a tarde, porque não dá pra exigir muito das crianças porque são muito pequenas. Todas as atividades que eu faço com eles são de acordo com o currículo que, por enquanto, tá valendo o experimental, não é o definitivo. E eu também tento adequar às necessidades dos alunos e com as épocas do ano. Por exemplo, agora eu tô aqui preparado o que eu vou trabalhar com eles no fim do ano, natal, papai noel, essas coisas, mas sempre pensando no currículo.

Eu: Mas todas as atividades que você planeja, você consegue executar?

Margarida: Não. Tem dias que a gente não consegue fazer nada com eles. Quando eu já chego e não dá certo, eu já tenho outra coisa pensada que posso fazer com eles, normalmente é um tempo a mais com os brinquedos ou o filme que eles querem assistir no dia. Até porque eu gosto de fazer as atividades com cada criança individualmente, porque se fizer tudo de uma vez fica uma lambuzeira só e não fica legal. Mas tem dia que nem isso eu consigo, aí tem que dar brinquedo ou fazer outra coisa com eles.

Eu: Mas e como fica o planejamento inicial?

Margarida: Eu faço as atividades em outro dia que eu perceber que estão mais calmos. Ou penso em outra forma de fazer.

Eu: Tem rotina na sua turma?

Margarida: Ter, tem. Há uma rotina de atividades que são trabalhadas todos os dias, mas não sigo os mesmos horários. Faço as mesmas atividades, só que em horários diferentes, para não cansar. Senão cansa eles, cansa eu. E, já que a creche prepara pra vida lá fora, eu não acredito que a vida é todo dia do mesmo jeito, tudo certinho, e as crianças tem que acostumar com isso também, desde cedo.

Eu: E como essa rotina foi elaborada?

Margarida: Ah... não tem nada que me faça cumprir uma rotina estabelecida. A rotina acaba acontecendo pelo costume. Mas, normalmente, sou eu quem decido o que faço, ou a hora que vou fazer as coisas. Tem dia que eu chego na sala e resolvo cantar antes de fazer o calendário, outro dia eu quero ler o alfabeto, depende, quando eu chego na sala é que eu resolvo a rotina daquele dia.

Eu: E qual é a relação da rotina da sua turma com o currículo?

Margarida: Tudo que é feito na sala, os procedimentos da rotina, as atividades, tudo estão de acordo com o currículo, mas são adaptadas para atender as necessidades das crianças, como eu já disse.

Eu: O que são recursos lúdicos?

Margarida: Recursos lúdicos são quebra-cabeças, jogos, brincadeiras de roda, brinquedos variados, corda, bola, cantigas, danças, fantoches, tudo isso é recurso.

Eu: E qual é a importância que você dá para a utilização desses recursos na educação das crianças da creche?

Margarida: Eu dou toda importância para os recursos lúdicos, pois a criança aprende brincando e com isso ela aprende a gostar da escola, porque na escola existe algo que lhe causa prazer. E criança adora brincar, né? Tem

estimular também, não é só dar brinquedo e deixar brincando, tem que estimular, tem que participar.

Eu: Há espaço na rotina da sua turma para a ludicidade?

Margarida: Ah... a ludicidade faz parte da infância. E como eu disse, tem que incentivar. Eu conto histórias, peço para recontar, canto músicas e eles aprendem rapidinho!

Eu: Como você percebe a relação dos recursos lúdicos disponibilizados pela Secretaria de Educação?

Margarida: Eu nem sei se a Secretaria manda alguma coisa pra escola. Lá na sala tem uns brinquedos que eu não sei se foi a escola que comprou, se foi doação. Mas eu acho que foi doado, porque já são bem velhos. Pra falar a verdade eu nunca ouvir dizer que a escola ganhou brinquedo da Secretaria, tudo tem que comprar.

Eu: Mas essa falta de recursos disponibilizados pela Secretaria implica na sua prática?

Margarida: Não. Se não tem porque não vem da Secretaria e o que eu posso fazer? Tenho que usar os materiais que tem na escola. Falta recurso, mas não muda nada na minha prática porque eu utilizo os que tem. E se a gente ficar esperando, não faz nada o ano inteiro. Tem tanta coisa que a gente pode fazer com sucata mesmo. Na minha antiga escola que eu trabalhei com crianças maiores de 5 anos, a gente fez um projeto de instrumentos musicais só com sucata, foi uma beleza. Todo mundo participou, os alunos adoraram.

Eu: Esse projeto poderia ser trabalhado na creche?

Margarida: Poderia sim, basta ânimo da professora aqui. Porque dá muito trabalho.

Eu: E como você percebe a gestão da escola? Você acha que contribui e incentiva com a ludicidade?

Margarida: Ah... Esse assunto é delicado. Eu acho que existe uma boa intenção em ajudar as professoras a realizar o trabalho de forma satisfatória,

mas não tem pessoal suficiente. A escola é muito grande e só tem uma coordenadora, não dá conta mesmo. Mas acho que elas (direção em geral) fazem o que podem.

Eu: Era só isso, Margarida. Obrigada.

Margarida: Só? Precisando de qualquer coisa é só falar.

Eu: Obrigada.